



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1197

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Artes Cênicas, modalidade à distância, grau acadêmico Licenciatura, da Escola de Música e Artes Cênicas, face à participação da UFG no Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, para os alunos ingressos a partir de 2011.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 5 de abril de 2013, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.007702/2010-76, e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (Lei 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Licenciatura em Artes Cênicas a Distância;
- c) o Regimento e o Estatuto da UFG;
- d) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG,

R E S O L V E :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Artes Cênicas, modalidade à distância, grau acadêmico Licenciatura, da Escola de Música e Artes Cênicas – EMAC da Universidade Federal de Goiás, face à participação da UFG no Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR, na forma do Anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2011, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 12 de julho de 2013

Prof. Edward Madureira Brasil
- Reitor -

ANEXO À RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1197

**PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ARTES CÊNICAS, GRAU ACADÊMICO LICENCIATURA,
MODALIDADE A DISTÂNCIA – PARFOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

PROGRAMA: UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS/UGF

DIRETORA:

Prof^a. Ana Guiomar Rego Sousa

VICE-DIRETOR:

Prof. Alexandre Silva Nunes

**COORDENADORA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
ARTES CÊNICAS, MODALIDADE A DISTÂNCIA:**

Prof^a. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

PROFESSORES DO CURSO DE ARTES CÊNICAS:

Alexandre Silva Nunes

Ângela Barcellos

Andréa Pitta

Francisco Guilherme de Oliveira Junior

Kléber Damaso Bueno

Maria Ângela de Ambrosis

Maria Júlia Pascali

Mateus Bertone

Newton Armani de Souza

Natássia Garcia de Oliveira

Rosilandes Cândida Martins

Saulo Germano Sales Dallago

Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Valéria Maria Chaves de Figueiredo

Walquiria Pereira Batista

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	04
	1.1 Curso proposto	04
	1.2 Quantitativo de vagas	05
	1.3 Modalidade de ingresso.....	05
	1.4 Público alvo.....	05
	1.5 Histórico	05
	1.6 Convênios e parcerias	06
	1.7 Carga horária	07
2	JUSTIFICATIVA.....	07
3	OBJETIVOS	10
	3.1 Objetivo geral.....	10
	3.2 Objetivos específicos.....	10
4	PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL	10
	4.1 A prática profissional	10
	4.2 A formação técnica	11
	4.3 Articulação entre teoria e prática.....	12
	4.4 A formação ética e a função social do profissional	12
5	EMENTÁRIO	13
	5.1 Ementas das Disciplinas e Respectiva Bibliografia Básica	13
6	EIXO EPISTEMOLÓGICO	26
7	DINÂMICA ORGANIZACIONAL DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA, AS FORMAS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES	26
	7.1 Integralização do curso	27
	7.2 Matriz curricular	28
	7.3 Rede Conceitual.....	31
	7.4 Fluxograma de disciplinas	32
8	RECURSOS DIDÁTICOS E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO	34
9	POLÍTICA E GESTÃO DE ESTÁGIO	34
10	PRINCÍPIOS NORTEADORES DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO.	35
	10.1 Estrutura Organizacional do Estágio	35
	10.1.1 Estágio Supervisionado I - Teatro em Contextos Sociais e Educacionais Diversos	36
	10.1.2 Estágio Supervisionado II – Artes Cênicas na Escola	36
	10.1.3 Estágio Supervisionado III – Teatro na Escola e Manifestações Cênicas na Comunidade.....	37
	10.1.4 Estágio Supervisionado IV – Teatro e Ação Cultural	37
	10.1.5 Estágio Curricular Não Obrigatório.....	38
11	INFRAESTRUTURA	38
12	PROCESSO DE AVALIAÇÃO PRESENCIAL E A DISTÂNCIA DEFININDO CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS	39
	12.1 Avaliação Institucional.....	39
	12.2 Avaliação da aprendizagem.. ..	40
13	DINÂMICA DE FLUXO DE RELAÇÃO DE TRABALHO ESPECIFICANDO AS FUNÇÕES DOS ENVOLVIDO.....	41
14	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	45
15	A INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	45
16	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA.....	48
17	REFERÊNCIAS.....	48

1 APRESENTAÇÃO

A sociedade sempre passou por grandes transformações e, na atualidade, isso vem acontecendo de forma mais acentuada, em um momento em que o advento da Internet influencia todos os setores e áreas sociais. As tecnologias atuais estão se incorporando de forma acelerada ao cotidiano das pessoas e vêm revelando uma transformação, tanto individual quanto social, em seus comportamentos. Aqui também se inclui a Educação que pode, pela mediação virtual, encontrar caminhos para transformações significativas, diminuindo distâncias e aproximando conhecimento. Tal avanço tecnológico promove inovações e, conseqüentemente, a educação encontra nesse modelo de ensino a distância possibilidades de renovação, reestruturação e ampliação; é uma ferramenta valiosa na busca da comunicação e do diálogo como meios de formação, de propagação do conhecimento e de reflexão crítica acerca dos saberes já existentes.

Nesse sentido, ao abranger um significativo número de indivíduos que desejam formação superior, mas que possuem dificuldades de acesso, o ensino a distância proporciona e veicula a democratização do conhecimento. Uma vez que almejamos mudanças efetivas no sistema político, econômico e social de nosso país. Defendemos que essas devam ter seu início e seu impulso na educação.

Assim, tendo por base essas considerações, apresentamos o Projeto Pedagógico de Curso - PPC – do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade à distância – PARFOR, cujo objetivo é a formação de professores de teatro, com fundamento na construção de um pensamento crítico vinculado à formação humana, além de conhecimento e domínio de novas tecnologias. Tal projeto é fomentado pelas leis que regem o sistema educacional brasileiro, posteriormente elencado.

O teatro, por si só, é conhecimento, comunicação e um grande facilitador de relações humanas. Assim, a educação por meio do teatro, vinculada ao ensino a distância, poderá ser um importante instrumento de transformação no combate ao analfabetismo intelectual e funcional, quadro real que precisa ser mudado.

Inicialmente, este Projeto Pedagógico de Curso apresenta um breve histórico do Curso de Artes Cênicas presencial da Universidade Federal de Goiás, que serviu de apoio para a criação do novo curso proposto: *‘Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância’*. Em seguida, apresenta e descreve detalhadamente os tópicos específicos: justificativa; objetivos; perfil profissional que se pretende formar; eixos epistemológicos; estrutura curricular e organizacional; processo e instrumentos de avaliação; e outros que traçam as características principais do novo curso.

O Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, em parceria com Universidade Aberta do Brasil - UAB, propõe inicialmente a disposição de 50 (cinquenta) vagas distribuídas em um polo – Aparecida de Goiânia com duas turmas de no máximo 25 (Vinte e cinco) alunos em razão da especificidade da área, por meio de seus trabalhos práticos muitas vezes individuais. De acordo com o desenvolvimento, a dimensão e a qualidade que o curso atingir, ele poderá ser ampliado para outros municípios de Goiás que se interessarem e oferecerem infraestrutura adequada para recebê-lo.

O sistema de ingresso no Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, será pelo cadastro na plataforma Freire e análise de documentação.

1.1 Curso Proposto

Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, com duração mínima e máxima de 4 anos, por se tratar de uma única turma.

1.2 Quantitativo de Vagas

Serão oferecidas 50 (cinquenta) vagas, em duas turmas separadas, para o curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, para o polo situado em Aparecida de Goiânia, município do Estado de Goiás. Esse polo faz parte do Plano Nacional de Formação que é destinado aos professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais sem formação adequada à LDB. Nesse município, haverá um *Polo de Apoio Presencial* que funcionará como suporte para o projeto.

1.3 Modalidade de Ingresso

Aos candidatos às vagas no curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, compreende o cadastro na Plataforma Freire e análise de documentos comprobatórios de que é a primeira licenciatura (diploma de 2º grau) e comprovante de docência atualizada na escola pública.

1.4 Público Alvo

Professores da rede pública sem formação específica em Artes Cênicas que fizeram sua inscrição na plataforma Freire do Plano Nacional de Formação de Professores – PARFOR – 2009 /2010.

1.5 Histórico

O Curso de Artes Cênicas da UFG foi criado em 1999 (Bacharelado) e em 2000 (Licenciatura), na gestão da Professora Glacy Antunes de Oliveira como Diretora; teve como seu idealizador o Professor e teatrólogo goiano Hugo Zorzetti e sua implementação contou também com a decisiva colaboração dos Professores Constantino Isidoro Filho, Wolney Arruda Unes e Neve Ione Ribeiro Guimarães.

A partir do final de 2003 e durante todo o ano de 2004, a equipe específica de Teatro da EMAC/UFG, constituída pelos Professores: Albertina Vicentini Assumpção, Ana Cristina Evangelista dos Santos, Ângela Barcellos Café, Carmelinda Guimarães, Edelweiss Vieira, Luciana Gomes Ribeiro, Maria José Alves, Maria Júlia Pascali, Robson Corrêa de Camargo, Samuel Baldani e Valéria Braga dos Santos, sob a Coordenação da Direção da Escola de Música e Artes Cênicas, ao trabalho de elaborar o Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Cênicas, documento que encaminha as questões intrínsecas do Teatro como área de conhecimento e também atende à legislação vigente no país e na UFG.

São oferecidos dois cursos: Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas. Esses cursos têm como objetivo formar um profissional capaz de exercitar com competência a habilidade de produção teatral como atividade integrada, procurando multiplicar conhecimentos e refletir, de forma crítica, a realidade sociopolítica, cultural e artística de seu meio. Dentro das atividades do curso estão o estudo do espetáculo teatral, principalmente das técnicas de interpretação do ator e sua interação com outras formas artísticas presentes no espetáculo teatral, visando à multiplicação da produção teatral em escolas, clubes, entidades sociais e culturais. O Curso de Artes Cênicas volta-se para o aprofundamento do conhecimento do espetáculo teatral e de suas formas de produção com a finalidade de formação de plateia com os espetáculos apresentados por seus alunos e de artistas que possam reproduzir a manifestação teatral em múltiplas formas de organização social e educacional.

Faz-se necessário ressaltar que o curso, além de cumprir com a formação de atores e professores de teatro, desempenha um papel importante divulgando a arte e a cultura produzida em nosso estado para a sociedade em geral. Nos dias atuais acontecem dentro do calendário acadêmico dois eventos que integram a Universidade e a comunidade goianiense. São eles: o Festival Universitário de Goiânia (FUGA), que tem como objetivo contribuir para a divulgação da produção de ensino e pesquisa da UFG no campo das Artes Cênicas; e o Seminário de Teatro e suas Antropologias, com o objetivo de construir uma vivência vertical de seus temas e estudos propostos, buscando uma transdisciplinariedade na pesquisa dos alunos de teatro da UFG e estabelecendo uma relação mais estreita com pesquisadores de outros estados e países no estudo das relações entre teatro, performance e antropologia.

Ao longo de sua existência o Curso de Artes Cênicas passou, em suas duas vertentes (Bacharelado e Licenciatura), por várias modificações de acordo com suas respectivas coordenações e resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás – CEPEC, que atribuíram normas e leis existentes para o bom funcionamento do curso.

Faz-se necessário destacar a função social do teatro e sua importância para a educação, já que na contemporaneidade se almeja formar um indivíduo em toda sua plenitude, concordando com Saviani (1997), no sentido de se atingir uma educação unidirecional. Assim, é importante que o teatro também esteja inserido nessa perspectiva educacional, uma vez que se configura como uma área do conhecimento importante e significativa para a formação humana. Essa modalidade de ensino a distância concretiza-se a partir da mediação através das tecnologias de informação e comunicação dos encontros presenciais, conforme segue:

Educação a Distância (EaD) é a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino/aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, envolvendo estudantes e professores no desenvolvimento de atividades educativas em lugares ou tempos diversos. Essa definição está presente no [Decreto 5.622, de 19.12.2005](#) (que revoga o [Decreto 2.494/98](#)), que regulamenta o [Art. 80 da Lei 9394/96 \(LDB\)](#).

A parceria entre as instituições públicas de ensino superior e a Universidade Aberta do Brasil (UAB) é uma das possibilidades para viabilizar o acesso ao ensino superior, principalmente em espaços e situações não favoráveis:

Para atingir este objetivo central a UAB realiza ampla articulação entre instituições públicas de ensino superior, estados e municípios brasileiros, para promover, através da metodologia da educação à distância, acesso ao ensino superior para camadas da população que estão excluídas do processo educacional.

A proposta da UAB, pretende expandir a educação superior pública; ampliar as possibilidades de gestão das instituições de ensino superior a partir de propostas educacionais dos estados e municípios; fomentar a valorização da educação à distância como possibilidade real de educação e expansão da oferta e procura dos cursos e programas de educação superior.

1.6 Convênios e Parcerias

Os convênios e parcerias serão estabelecidos entre Município/Estado, MEC e Universidade Federal de Goiás - UFG.

1.7 Carga Horária

O total de horas do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, é de 3.236 horas.

COMPONENTES CURRICULARES	CH	PERCENTUAL
NÚCLEO COMUM (NC)	1.966	60,7 %
NÚCLEO ESPECÍFICO (NE)	1070	33,1 %
SUB-TOTAL	3.036	93,80%
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)	200	6,2 %
CARGA HORÁRIA TOTAL	3.236	100,0 %

*A contagem e validação de Carga Horária referente às Atividades Complementares (AC – exigência da resolução CNE/CES nº 2/2002) ocorrerá de acordo com documento específico, aprovado no Conselho Diretor da Unidade Acadêmica responsável pelo curso.

2 JUSTIFICATIVA

Este projeto justifica-se por apresentar possibilidades para a expansão, democratização e socialização do conhecimento em Artes Cênicas no modelo de educação à distância. É objetivo, não só da Universidade Aberta do Brasil - UAB, mas também da Escola de Música e Artes Cênicas – EMAC/UFG, ampliar a rede de acesso à educação de qualidade ao oferecer curso superior de capacitação de professores para todo o Estado de Goiás. Dessa forma, o projeto responde aos interesses das pessoas que, por motivos diversos, não conseguem ter acesso ao nível superior. Essa é uma questão de direito e de igualdade, assegurados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em um de seus princípios: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Art. 3º, item II).

Outros institutos legais que se constituem como base para este projeto:

- Decreto nº 5.622/05, alterado pelo decreto nº 6.303/07. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância /2007 – SEED/MEC.
- Decreto nº 5.800 de 08 de Junho/2006. Dispõe sobre o sistema de Universidade Aberta do Brasil – UAB.
- Resolução CEPEC nº 631/2003. Define a política da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica.
- Resolução CEPEC nº 731/2005 (define a política de estágios da UFG para a formação de professores da Educação Básica.).
- Resolução CEPEC nº 766/2005 (disciplina os estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios dos cursos de Bacharelado e Específico da Profissão na Universidade Federal de Goiás.).
- Resolução do CEPEC nº 787/2006. Fixa o Currículo Pleno do Curso de Artes Cênicas – Licenciatura para alunos ingressos a partir do ano letivo de 2004.
- Resolução CEPEC nº 880/2008 (altera Resolução CEPEC nº 766/2005).
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MECSEF, 1998.

- Resolução nº 04 de 08/03/2004 (Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Teatro).
- Resolução CNE/CP2, de 19/02/2002. Institui a duração e carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de Professores da Educação Básica em nível superior.
- Resolução CONSUNI nº 06/2002. Aprova o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG da Universidade Federal de Goiás e revoga as disposições em contrário.
- Resolução CONSUNI – 21/2007. Cria o Curso de Licenciatura em Artes Cênicas – Modalidade a Distância - Pró-Licenciatura (Consórcio Setentrional), vinculado à Escola de Música e Artes Cênicas.
- Orientações Curriculares para o Ensino Médio; volume I - Linguagens e Códigos e Tecnologias/ Secretaria de Educação Básica. _ Brasília: Ministério da Educação. 2006, p. 239.
- PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional – UFG.
- Estatuto e Regimento da UFG.
- Regimento Interno da Escola de Música e Artes Cênicas – EMAC.
- RESOLUÇÃO nº 44, de 29 de Dezembro de 2006. Estabelece orientações e diretrizes para a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa á participantes dos cursos e programas de formação superior, no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, vinculado ao Ministério da Educação, a ser executado pelo FNDE no exercício de 2006.
- Edital SEED/MEC nº 01/2005. Chamada Pública para Seleção de Polos Municipais de Apoio Presencial e de Cursos Superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na Modalidade de Educação a Distância para o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB.
- Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB), Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e suas alterações e regulamentações nas Diretrizes Curriculares do Conselho Nacional de Educação (CNE).
- Lei nº 10.172, de 09 de Janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.
- Lei nº 11.273, de 06 de Fevereiro de 2006. Autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa á participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica.
- Lei nº 11. 788, de 25 de Setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nº-6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001 e dá outras providências.

A metodologia tecnológica contemporânea permite não somente liberdade, mas também descentralização do ensino e troca de experiências. A partir da consciência da necessidade de mudança e de um fazer dela decorrente, teremos a construção de uma sociedade melhor informada, com mais capacidade crítica e reflexiva acerca da realidade. Sendo assim, o projeto de Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, proposto se insere nessa visão, quando permite a seu público alvo o aprofundamento e a disseminação de conhecimentos e conceitos em teatro, além do enriquecimento da sua prática.

O teatro, como área de conhecimento, participa dessa proposta contemporânea de formação e qualificação docente para atender a demanda do Estado de Goiás, sendo seu papel fundamental colaborar na construção de novas práticas sociais por meio da Arte. O teatro, quando inserido no processo educativo, tem por objetivos principais a sensibilização e experimentação do aluno com a linguagem teatral, de forma pedagogicamente estruturada, permitindo que um processo de autoconhecimento transformador se instale a cada aula, a cada encontro e se estenda para a vida cotidiana. Joana Lopes diz que “O teatro educa, se entendemos por educar a descoberta e utilização de formas e meios de apoio para o desenvolvimento do ser humano, em direção à vida autônoma e consequente” (1989, p.6).

Acreditamos que o teatro na educação pode proporcionar experiências que contribuirão para o crescimento integrado do aluno sob vários aspectos: no plano individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas; no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção; no plano artístico, a capacidade de sensibilização ante as artes desenvolvidas pelo ser humano ao longo da história, o que pode levar ao surgimento de uma predisposição para a criação de obras de arte e para a sua apreciação. O teatro, enquanto manifestação artística possibilita a ampliação da produção e da re-significação do conhecimento. O desenvolvimento de conhecimentos teatrais, integrados aos já existentes no currículo da escola, torna-se primordial para uma formação global, abrindo-se e interagindo com todas as áreas dos saberes, já explicitados nos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN:

A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte estimula o aluno a perceber, compreender e relacionar tais significados sociais. Essa forma de compreensão da arte inclui modos de interação como a empatia e se concretiza em múltiplas sínteses. O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, p. 1997)

Entende-se, dessa forma, que conhecimento, expressão artística, criatividade e relações humanas citados nos PCN se fundem com os ideais do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, e se entrecruzam com a necessidade imediata de incentivo ao pensamento reflexivo e a apreciação estética. Através do ensino do teatro propomos a viabilização destes propósitos tendo como meio as metodologias do ensino a distância.

Esse projeto de formação de professores com qualificação superior é indispensável para atender à demanda das escolas públicas. Arte é disciplina obrigatória na educação básica e, no entanto, não há quantitativo de professores formados nessa área. Os cursos presenciais de Artes Cênicas que a UFG hoje oferece, ainda não atendem sequer às necessidades da cidade de Goiânia.

O Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, ao trocar experiências e vivências, surge como um desafio para os professores do curso presencial. Esses estarão em contínua formação em relação às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), bem como novas formas de produção cênica, oferecendo ainda aos alunos egressos (que poderão ser orientadores acadêmicos) a formação continuada como nos ensina Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2004).

Finalizando, esse vínculo da EMAC com a UAB vem não só ao encontro das necessidades de expansão e estímulo de novas formas de conhecimento, mas também preenche as lacunas sociais e humanísticas de inclusão, além de se constituir como fomento do teatro das cidades do interior do Estado de Goiás.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Formar professores éticos, cujo campo de conhecimento se insere em uma metodologia a ser vivenciada na atuação do ensino de teatro para os níveis infantil, fundamental e médio, em que se faz imprescindível a formação/vivência artística, técnica e cultural, fomentando a ação cultural, associando a projetos com a comunidade.

3.2 Objetivos Específicos

- adquirir conhecimentos específicos da linguagem teatral, no que se referem a conceitos, métodos e técnicas;
- conhecer noções básicas do corpo e voz para a interpretação teatral;
- entender a composição dos elementos constitutivos do espetáculo teatral;
- ter conhecimento dos princípios gerais da educação e dos processos pedagógicos referentes à aprendizagem e ao desenvolvimento do ser humano;
- despertar o senso crítico reflexivo e estético;
- promover a integração entre escola e comunidade por meio da ação cultural teatral;
- fomentar a produção teatral local;
- divulgar e ampliar os espaços de atuação do campo profissional do professor de teatro;
- incentivar a integração entre ensino, pesquisa e extensão para o surgimento de uma formação de qualidade, atendendo o mercado de trabalho e continuidade na pesquisa acadêmica;
- adquirir conhecimentos sobre o uso das TIC na educação;
- saber utilizar as TIC tanto durante sua formação quanto no exercício de sua profissão da docência.

4 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

4.1 A Prática Profissional

A concepção do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, está pautada na formação de profissionais com competências metodológicas e éticas para atuarem no ensino de teatro em escolas formais e em contextos educacionais e/ou culturais. O curso tem em vista formar profissionais aptos a fomentar a ação cultural, de forma a compreender e interagir criticamente com as diversas manifestações artísticas locais e nacionais.

Além da formação específica para o ensino do teatro na educação básica (infantil, fundamental e médio), esse curso preocupa-se com a formação de profissionais aptos a atuarem em instituições culturais tais como museus, casas de cultura, ONGs, pontões de cultura e outros espaços sócio-educativos.

O curso prevê formação nas teorias pedagógicas e enfatiza o desenvolvimento do conhecimento nas áreas específicas do teatro, da arte, da cultura e de produção teatral. Pretende-se a formação de arte-educadores capazes de atuarem efetivamente nos diversos contextos de ensino do teatro integrado à sua realidade cultural e social, de forma propositiva, autônoma e crítica.

O Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, propõe-se a assegurar uma formação a partir da qual o egresso estará apto a:

- atuar com competência metodológica e ética profissional no ensino de teatro em escolas formais e em contextos sócio-educacionais e culturais;
- elaborar e organizar, com base em princípios filosóficos e metodológicos, conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem do teatro para a educação;
- propor, conduzir e avaliar processos de criação, apreciação e crítica em teatro nos contextos culturais;
- trabalhar de forma interdisciplinar, compreendendo a necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional;
- articular a prática da criação teatral e a reflexão crítica e teórica, visando o questionamento dos meios expressivos e especulativos e dos procedimentos metodológicos empregados;
- desenvolver habilidades metodológicas para o ensino do teatro e colaborar com sugestões, opiniões e respostas no processo ensino-aprendizagem;
- conhecer os princípios gerais de educação e principais processos pedagógicos referentes à aprendizagem e ao desenvolvimento do ser humano como subsídio para o desenvolvimento do trabalho teatral em grupo;
- compreender as especificidades do trabalho educativo e teatral no marco das novas tecnologias;
- ajustar sua atividade de ensino à diversidade de contextos institucionais, de práticas educativas, às finalidades da educação e à população alvo.

Espera-se que o profissional licenciado em Artes Cênicas domine a linguagem teatral no que se refere ao fazer artístico e ao seu ensino nas esferas formais e informais. Ainda para exercer a docência no ensino regular nos níveis fundamental, médio e técnico, assim como ministrar oficinas e cursos de teatro, fornecendo uma formação teórica e prática dos conteúdos pedagógicos e didáticos relacionados à linguagem teatral.

Será habilitado para atuar em espetáculos teatrais e performáticos, podendo assumir as demais funções dos agentes criativos do espetáculo teatral, como encenador, cenógrafo, figurinista, iluminador, dramaturgo, maquiador, conforme se aprofunde nestas dimensões do fazer teatral. Estará habilitado ainda a fazer críticas em veículos de comunicação e elaborar obras didáticas. Considerando que para exercer a docência, o discente precisa conhecer e estar apto para atuar nos campos da teoria e da prática teatral.

4.2 A Formação Técnica

O Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, proporcionará qualificação e preparo aos estudantes, tanto em nível de formação pessoal como profissional, possibilitará um enriquecimento e ampliação do conhecimento, das técnicas, das capacidades e das atitudes do indivíduo. Neste contexto, a formação técnica vale não só como um componente de produtividade, mas também, como uma forma de adaptação à realidade profissional; ela constitui em si mesmo, um elemento dinamizador de evolução tecnológica, científica e de desenvolvimento cognitivo e psicomotor.

A formação técnica em Artes Cênicas promove o aproveitamento e domínio dos recursos humanos em relação a:

- 1) capacitação artística para a construção e produção do conhecimento vocal e do movimento corporal para a atuação em interpretação, improvisações e montagens cênicas;

- 2) capacidade de coordenar o processo educacional e articular os conhecimentos teóricos práticos sobre a linguagem teatral, tanto nos aspectos artísticos como críticos;
- 3) utilizar adequadamente métodos, técnicas, recursos e equipamentos tecnológicos específicos à prática pedagógica referente ao ensino do Teatro;
- 4) conceber, organizar e interpretar diversas modalidades de Teatro para a realização de projetos nas escolas;
- 5) conhecer as noções básicas do funcionamento de equipamentos, sistemas ou tecnologias para a aplicação pedagógica.

Contudo, o profissional licenciado em Artes Cênicas se fundamentará em uma base consistente, nos diversos âmbitos acima descritos, que o permita assimilar as inovações e as mudanças nos campos artísticos, pedagógicos e tecnológicos. Precisa ainda estar consciente de seu papel social e político para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, assim como ser capaz de interagir nas novas redes de informação e comunicação.

4.3 Articulação Entre Teoria e Prática

A Matriz curricular do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, apresenta uma estrutura na qual são integradas disciplinas básicas, introdutórias e de formação pedagógica em geral e disciplinas específicas de atividades práticas, históricas e conceituais em Artes Cênicas. As quais podem promover a integralização dos conhecimentos teóricos e práticos que se prestarão à formação básica, humanística e artística do aluno, As disciplinas específicas e atividades práticas são instrumentos voltados especialmente à preparação e formação do professor e ator, no exercício da ampla variedade de formas de expressão que a profissão oferece, mas também possibilitam compreensão do universo de atuação do encenador, do crítico, do teórico ou do profissional do teatro.

A aprendizagem dos elementos da linguagem teatral ocorre tanto no ambiente virtual, quanto nos encontros presenciais, de forma integrada, possibilitando ao discente a conexão entre os conhecimentos obtidos por meio da teoria e da prática teatral, a partir da mediação realizada pelo professor formador e pelos orientadores ao longo do curso. Os conteúdos e as práticas pedagógicas são apreendidos seguindo esta mesma dinâmica. Os estágios complementam a formação do professor, como ponto inicial de sua trajetória no campo de ensino.

4.4 A Formação Ética e A Função Social do Profissional

O discente em Artes Cênicas tem sua formação voltada para a capacitação no que se refere ao raciocínio e criação artística, cultural e científica, à reflexão crítica da realidade, e a atuação eficaz como agente de transformações sociais. Refletimos sobre a ação docente frente a questões como o compromisso com uma formação que atenda os aspectos críticos e humanistas inter-relacionados aos aspectos cognitivos e estéticos inerentes aos conhecimentos específicos das artes cênicas.

Os conteúdos abordados no curso abrangem métodos de ensino e sua relação com a ciência e a tecnologia, sentidos éticos e sociais do fazer artístico e teatral e a atividade docente. Compreendendo, desse modo, que a Universidade deve abarcar não somente os saberes técnicos, mas proporcionar a produção de conhecimentos e a formação humana nas dimensões: ética, política, social e sensível, isto é, em todos os aspectos que abarquem o amplo desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Este é um dever que implica tanto os

professores quanto os demais envolvidos nesse processo, pois a estes cabe a responsabilidade de resgatar a unidade do saber acadêmico, e a promoção da integração do ser humano no mundo do convívio social, com níveis de conhecimentos que respeitem as diferenças culturais e que resgatem os valores de convivência social. Enfim, a ampla formação cultural do discente possibilitará seu desenvolvimento social, político e profissional.

5 EMENTÁRIO

5.1 Ementas das Disciplinas e Respectiva Bibliografia Básica

PROCESSO DE MONTAGEM I

Ementa: Introdução teórico/prática ao processo de preparação de atores e, constituição de grupo para montagem de espetáculo cênico. Fundamentos e experimentação de exercícios de preparação do ator, jogos e improvisação teatral, focados no processo de montagem de espetáculo. Uso e/ou estudo facultativo de literatura dramática pré-definida. Campo de experimentação e amadurecimento do desempenho de cena para o ator.

Bibliografia Básica:

CHEKHOV, Michael. *Para o Ator*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OIDA, Yoshi. *O Ator Invisível*. São Paulo: Via Lettera, 2007.

STANISLAVSKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

Bibliografia Complementar:

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENTLEY, Eric. *O Dramaturgo como Pensador: Um Estudo da Dramaturgia nos Tempos Modernos*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991.

CHEKHOV, Michael. *Para o Ator*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PROCESSO DE MONTAGEM II

Ementa: Processo de preparação de montagem de espetáculo cênico. Estudo estético e seleção de forma e temática de trabalho. Estudo e seleção de literatura dramática de suporte. Processos de preparação do ator e consolidação de relações de grupo. Improvisações teatrais e estudo dramático a partir da temática de trabalho, forma estética e texto de suporte selecionado pelo grupo. Campo de experimentação e amadurecimento do desempenho de cena para o ator.

Bibliografia Básica:

BROOK, Peter. *A porta aberta: Reflexões sobre a Interpretação e o Teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CAVALIERE, Arlete. *O inspetor geral de Gógol/Meyerhold*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

STANISLAVSKI, Constantin. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Bibliografia Complementar:

GUINSBURG, Jacó. *Da cena em cena*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

KANTOR, Tadeusz. *O teatro da morte*. In: *Sala preta*, Revista do Departamento de Artes Cênicas-ECA/USP, n.2, p. 89-95, 2002.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTAGEM DE ESPETÁCULO I

Ementa: Definição de personagens, papéis, personas e/ou vetores de atuação. Definição de elementos para composição do espetáculo. Trabalho em conjunto com equipe de produção do espetáculo.

Bibliografia Básica:

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins, 2006.

BRECHT, Bertolt. *Diário de trabalho*, v. 1 – 1938-1941. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

Diário de trabalho, v. 2 – 1941-1947. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

BROOK, Peter. *Fios do tempo: Memórias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

KANTOR, Tadeusz. *O Teatro da morte*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

Bibliografia Complementar:

BONFITTO, Matteo. *O ator-compositor: as ações físicas como eixo de Stanislávski a Barba*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BURNIER, Luís Otávio. *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, FAPESP e Imprensa Oficial, 2001.

MONTAGEM DE ESPETÁCULO II

Ementa: Estudo prático da encenação teatral a partir de textos selecionados no núcleo de construção do conhecimento e na oficina do espetáculo. Elaboração da concepção e construção do espetáculo. Leitura Dramática, escolha e pesquisa de texto teatral - peças de curta duração com caráter realista - para montagens e apresentação pública.

Bibliografia Básica:

ARTAUD, Antonin. O Teatro e seu duplo. São Paulo: Martins, 2006.
BROOK, Peter. Fios do tempo: *Memórias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
KANTOR, Tadeusz. O Teatro da Morte. São Paulo: Perspectiva, 2008.
STANISLAVSKI, Constantin. A criação de um papel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

Bibliografia Complementar:

ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
RYANGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.
STANISLAVSKI, Constantin. Manual do Ator. Tradução João Azenha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ARTES DO CORPO I

Ementa: Percepção, consciência do corpo e de suas potencialidades de movimento. Introdução às técnicas de consciência corporal. Estudo e reconhecimento de elementos da anatomia e estados corporais para teatro. Introdução ao estudo do movimento. Improvisação e pesquisa de movimento. Observação e análise do movimento. A questão do corpo no teatro.

Bibliografia Básica:

AZEVEDO, Sônia Machado. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
DAMÁSIO, Antonio. O mistério da consciência. São Paulo: Editora SCHWARCZ LTDA, 2000.
FELDENKREIS, Moshe. Consciência pelo Movimento. São Paulo: Summus Editorial, 1972.
LABAN, Rudolf. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

Bibliografia Complementar:

ELSON, Lawrence M & KAPIT, Wynn. Anatomia: manual para colorir. São Paulo: Editora Roca, 1987.
VISHNIVETZ, Berta. Eutonia – Educação do corpo para o ser. São Paulo: Summus Editorial BMC.

ARTES DO CORPO II

Ementa: Percepção e consciência do corpo em movimento: consciência das imagens e da expressividade do corpo no espaço. Percepção espaço-temporal, peso, apoio, fluência, dinâmicas e conectividade. Presença cênica, disponibilidade e espontaneidade. Improvisação, pesquisa de movimento e composição cênica. Observação e análise do movimento. Leituras do corpo na arte contemporânea.

Bibliografia Básica: AZEVEDO, Sônia Machado. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BERTAZZO, Ivaldo. Espaço e Corpo - Guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.
GREINER, Christine. O corpo: *pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

Bibliografia Complementar:

BROOK, Peter, A porta aberta. Trad. Antonio Mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
OIDA, Yoshi, O ator invisível. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Becca, 2001.
PICON – VALLIN, Béatrice. Ensaios em Cena. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ARTES DO CORPO III

Ementa: Percepção e consciência do corpo em movimento. Percepção e consciência das imagens e da expressividade do corpo no espaço. A construção da dramaturgia do corpo. Jogo como elemento de composição cênica. Introdução à dança popular brasileira, aos jogos e brincadeiras populares. Improvisação, pesquisa de movimento e composição cênica. Observação e análise do movimento. Corpo em cena.

Bibliografia Básica:

GREINER, Christine. O corpo: *pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Editora Annablume, 2005.
ANDRADE, Mário. Danças dramáticas. Editora Itatiaia, 2002.
RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro São Paulo: Editora SCHWARCZ LTDA, 2008.

Bibliografia Complementar:

HUIZINGA, Johan. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2001.
LABAN, Rudolf. Dança moderna educativa. São Paulo: Ícone, 1990.
MIRANDA, Regina. Movimento expressivo. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

ARTES DO CORPO IV

Ementa: Percepção e consciência do corpo em movimento. Percepção e consciência das imagens e da expressividade do corpo no espaço. Organização do movimento: ação e construção de sentido. Ação física e ação vocal. Improvisação, pesquisa de movimento e composição cênica. Observação e análise do movimento. Corpo, personagem e composição cênica.

Bibliografia Básica:

BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. Arte Secreta do Ator. Campinas, UNICAMP/HUCITEC, 1995.
BONFITTO, Matteo. O ator compositor. São Paulo: Perspectiva, 2002.
GREINER, Christine. O corpo: *pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

Bibliografia Complementar:

AZEVEDO, Sônia Machado. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo: Perspectiva, 2002.
BONFITTO, Matteo. O ator compositor. (Coleção Estudos – Teatro, 177). São Paulo: Perspectiva, 2002.
GREINER, Christine. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

EXPRESSÃO VOCAL I

Ementa: Estudo da anatomia e fisiologia do aparelho fonador. Noções básicas de técnicas vocais: respiração, emissão, articulação e impostação. As várias formas de perceber a voz para o uso em cena.

Bibliografia Básica:

GAIARSA, José A. Respiração e circulação. São Paulo: Brasiliense, 1987.
GUBERFAIN, Jane Celeste. Voz em cena. Vol. II Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
MELLO, Edmée Brandi de Souza. Educação da voz. Falada. Belo Horizonte: Atheneu, 1995.

Bibliografia Complementar:

FERREIRA, Léslie Piccoloto. Temas de Fonoaudiologia. São Paulo: Loyola, 1984.
QUINTEIRO, Eudósia Acuña. Estética da voz: Uma voz para o ator. São Paulo: Summus, 1989.

EXPRESSÃO VOCAL II

Ementa: Estudo e preparação técnica vocal para a cena, articulação entre palavra cantada e falada, visando à exploração e os recursos vocais tais como: emissão do som e da palavra, variações de altura, intensidade e duração. Possibilidades vocais para o texto teatral.

Bibliografia Básica:

CLARET, Martin. A Essência da Palavra. Coleção Pensamentos de Sabedoria. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1998.
MELLO, Edmée Brandi de Souza. Educação da Voz Falada. Belo Horizonte: Ed. Atheneu, 1995.
PÉREZ-GONZALEZ, Eládio. Iniciação à Técnica Vocal. Rio de Janeiro: Ed. Pérez-Gonzalez, 2000.

Bibliografia Complementar:

QUINTEIRO, Eudósia. A Estética da Voz. São Paulo: Summus, 1989.
STANISLAVSKI, Contantin. A Construção da Personagem. Rio de Janeiro: 11ª ed. Ed. Civilização Brasileira, 2003.
ZI, Nancy. A Arte de Respirar. São Paulo: Pensamento, 1997.

EXPRESSÃO VOCAL III

Ementa: Técnicas vocais para a construção do personagem. Percepção e expressão vocal, interação da voz com a situação cênica: pausas, ênfases e entonação.

Bibliografia Básica:

CLARET, Martin. A Essência da palavra. Coleção Pensamentos de Sabedoria. São Paulo: Ed. Martin Claret, 1998.
MELLO, Edmée Brandi de Souza. Educação da voz falada. Belo Horizonte: Ed. Atheneu, 1995.
PÉREZ-GONZALEZ, Eládio. Iniciação à técnica vocal. Rio de Janeiro: Ed. Pérez-Gonzalez, 2000.

Bibliografia Complementar:

QUINTEIRO, Eudósia. A estética da voz. São Paulo: Summus, 1989.
STANISLAVSKI, Contantin. A construção da personagem. Rio de Janeiro: 11ª ed. Ed. Civilização Brasileira, 2003.
ZI, Nancy. A arte de respirar. São Paulo: Pensamento, 1997.

EXPRESSÃO VOCAL IV

Ementa: Estudos dos conteúdos expressivos de várias possibilidades vocais, favorecendo desenvolvimentos de habilidades e a ampliação de técnicas para o trabalho vocal do ator.

Bibliografia Básica:

MELLO, Edmée Brandi de Souza. Educação da Voz Falada. Belo Horizonte: Ed. Atheneu, 1995.
PÉREZ-GONZALEZ, Eládio. Iniciação à Técnica Vocal. Rio de Janeiro: Ed. Pérez-Gonzalez, 2000.
QUINTEIRO, Eudósia. A Estética da Voz. São Paulo: Summus, 1989.
STANISLAVSKI, Contantin. A Construção da Personagem. Rio de Janeiro: 11ª ed. Ed. Civilização Brasileira, 2003.

Bibliografia Complementar:

FORTUNA, Marlene. A Performance da oralidade teatral. São Paulo: Annablume, 2003.
KUSNET, Eugenio. Ator e Método. Rio de Janeiro: INACEN, 1985.
Zahar Editor, 1995.
ZUMTHOR, Paul. A Letra e a Voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JOGO, IMPROVISACÃO E REPRESENTAÇÃO

Ementa: O jogo em suas relações com a filosofia, sociologia, antropologia, psicologia e várias possibilidades de estudos. O jogo teatral e o jogo dramático. A improvisação como metodologia de jogo; o treinamento para o ator por meio do jogo; o jogo para o desenvolvimento de técnicas teatrais.

Bibliografia Básica:

CHACRA, Sandra. Natureza e sentido da improvisação teatral. São Paulo: Perspectiva, 1991.
HUIZINGA, Johan. Homo ludens: *o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
SPOLIN, Viola. Improvisação Para o Teatro. São Paulo: Ed. perspectiva, 2001.
SPOLIN, Viola. O fichário de Viola Spolin. S. Paulo: Perspectiva, 2001.

Bibliografia Complementar:

CHEKHOV, Michael. Para o ator. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
KOUDELA, I. D. Brecht: um jogo de aprendizagem. São Paulo: Perspectiva, 1991.
SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. S. Paulo: Perspectiva, 2001.

HISTÓRIA DO TEATRO E DA LITERATURA DRAMÁTICA I

Ementa: Fundamentos teóricos e historiográficos do teatro. O surgimento e desenvolvimento do teatro na Grécia e em Roma: contexto histórico, dramaturgia, espaço, cenário, figurino e elementos cênicos. Os paradigmas do espetáculo teatral na antiguidade. Análise, leitura e interpretação de texto (gênero, hibridização e especificidades). Estudos da teatralidade ocidental antiga com base nos textos representativos da dramaturgia grega e latina (tragédia e comédia).

Bibliografia Básica:

ARISTÓTELES. Poética. Lisboa: Imprensa Nacional, 1952.
BERTHOLD, Margot. História do teatro mundial. São Paulo: Perspectiva, 2003.
CARLSON, M. Teorias do teatro: e estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

Bibliografia Complementar:

HAUSER, A. História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
LESKY, Albin. A tragédia grega. São Paulo: Perspectiva, 1990.
NIETZSCHE, Friedrich. A origem da tragédia. São Paulo: Centauro, 2004.

HISTÓRIA DO TEATRO E DA LITERATURA DRAMÁTICA II

Ementa: Estudo dos fatos, tendências e gêneros teatrais na Idade Média, no Renascimento e no Neoclassicismo. Análise das especificidades do texto teatral destes períodos, bem como dos indicadores espetaculares e das possibilidades cênicas. A consolidação do drama.

Bibliografia Básica:

ARISTÓTELES. Poética. Lisboa: Imprensa Nacional, 1952.
MENDES, Cleise F. As estratégias do drama. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1996.
PALLOTTINI, Renata. Construção da personagem. São Paulo: Ática 1898.

Bibliografia Complementar:

PALLOTTINI, Renata. Introdução à dramaturgia. São Paulo: Brasiliense, 1983.
RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HISTÓRIA DO TEATRO MODERNO E CONTEMPORÂNEO I

Ementa: O teatro na era burguesa: o romantismo e o realismo na cena teatral. O teatro sob o signo da modernidade: o naturalismo e as estéticas posteriores. A crise do drama.

Bibliografia Básica:

BERTHOLD, Margot. História do teatro mundial. São Paulo: Perspectiva, 2003.
CARLSON, M. Teorias do teatro: e estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.
BAKTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto de Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

Bibliografia Complementar:

HUGO, V. Do grotesco e do sublime. Tradução do prefácio de Cronwell. [trad. e notas Célia Berrettini]. São Paulo: Perspectiva, 2007. ROSENFELD, Anatol. Teatro Moderno. São Paulo: Perspectiva, 1977. SZONDI, Peter. Teoria do drama burguês. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

HISTÓRIA DO TEATRO MODERNO E CONTEMPORÂNEO II

Ementa: O expressionismo alemão e o teatro épico. A explosão da teatralidade nas vanguardas artísticas: movimentos e experimentações. Multiplicidade da cena contemporânea.

Bibliografia Básica:

BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral. São Paulo: Hucitec, 1995.

BERTHOLD, Margot. História do teatro mundial. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BORNHEIM, Gerd. Brecht: a estética do teatro. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

CARLSON, M. Teorias do teatro: e estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Ed. da Unesp, 1997.

Bibliografia Complementar:

MICHELLI, M. As vanguardas artísticas. [trad. Pier Luigi Cabra]. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ROSENFELD, A. Teatro Moderno. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SZONDI, P. Teoria do drama burguês. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

TEATRO BRASILEIRO I

Ementa: Estudos sobre a origem e desenvolvimento do teatro brasileiro. Teatro jesuítico, os primórdios da dramaturgia nacional e a inclusão de elementos populares e indígenas na encenação. O período colonial e a dramaturgia. O surgimento da comédia brasileira. E a comédia de costumes. O aparecimento de João Caetano no teatro brasileiro. A fase romântica-naturalista e a dramaturgia da segunda metade do século XIX.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Nelson. História do teatro. Salvador: EGBA, 1991.

CACCIAGLIA, Mario. Pequena história do teatro no Brasil: quatro séculos de teatro no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1986.

FARIA, João Roberto. Idéias teatrais: século XIX no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Bibliografia Complementar:

MAGALDI, Sábato. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global, 1997.

PRADO, Décio de Almeida. História concisa do teatro brasileiro: 1570 –1908. São Paulo: EDUSP, 2003.

TEATRO BRASILEIRO II

Ementa: Estudos sobre o desenvolvimento do teatro brasileiro. O teatro na Primeira República. Acontecimentos teatrais após a Revolução de 1930. O teatro dos grupos amadores. O surgimento do Teatro Brasileiro de Comédia – TBC. A década de 60: o Teatro de Arena, o Grupo Oficina e o Grupo Opinião. A renovação da cena brasileira, a dramaturgia da resistência, seus autores e temáticas. O estudo dos anos 70 e da cena contemporânea. O teatro goiano.

Bibliografia Básica:

BRAGA, Cláudia. Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na Primeira República. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CACCIAGLIA, Mario. Pequena história do teatro no Brasil: quatro séculos de teatro no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1986.

MAGALDI, Sábato. Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global, 1997.

PRADO, Décio de Almeida. O teatro brasileiro moderno. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Bibliografia Complementar:

SILVA, Armando Sérgio Da. Oficina: do teatro ao te-ato. São Paulo, Perspectiva, 1981.

ZORZETTI, Hugo. Memória do teatro goiano. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

DRAMATURGIA I

Ementa: Problemática, recursos e elementos na composição do texto dramático. O texto como obra literária e como obra teatral (diálogos e dicotomias). Evoluções, transformações e reconfigurações dos aspectos formais do texto teatral. Exercícios de criação de texto dramático.

Bibliografia Básica:

ESSLIN, Martin. Uma anatomia do drama. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986.

MAGALDI, Sábato. Que é dramaturgia. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

ROUBINE, Jean-Jacques. Introdução às grandes teorias do teatro. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed. 2003.

Bibliografia Complementar:

BRECHT, Bertolt. Estudos sobre teatro. Tradução: Fiana Pais Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FO, Dario. Manual mínimo do ator. Org.: Franca Rame. Tradução: Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: SENAC, 1999.

FRAZER, James George. O ramo de ouro. Edição do texto: Mary Douglas. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

DRAMATURGIA II

Ementa: Problemática, recursos e elementos para a composição do texto teatral contemporâneo. A dramaturgia de forma épica, a negação do diálogo e o texto colaborativo. Mudanças de paradigma no happening, na performance, nas dramaturgias da imagem e na idéia de dramaturgia do ator. Exercícios de criação e experimentação na perspectiva contemporânea.

Bibliografia Básica:

LOTMAN, Iuri. A Estrutura do texto artístico. Lisboa: Editorial Estampa 1978.
ROUBINE, Jean-Jacques. Introdução às grandes teorias do teatro. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Ed. 2003.
WILLIAMS, Raymond. Tragédia moderna. Tradução de Betina Bischof. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Bibliografia Complementar:

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
BALL, David. Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais. Tradução Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 2005.
BENTLEY, Eric. O Dramaturgo como Pensador: Um Estudo da Dramaturgia nos Tempos Modernos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Ementa: Estudo dos aspectos educacionais, clínicos e sociais da surdez. Estudo da língua de sinais e da língua brasileira de sinais: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Aprendizagem de Libras - Língua de Sinais Brasileira.

Bibliografia Básica:

BRITO, Lucinda Ferreira Obra: Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro Editor: Tempo Brasileiro, 1995. QUADROS, Ronice Muller de Obra: Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre Editor: Artmed Nº Edição: Ano: 2004. SACKS, Oliver W Obra: Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo Editor: Companhia das Letras Nº Edição: Ano: 1998.

Bibliografia Complementar:

KOJIMA, Catarina Kitugi; SEGALA, Ramalho Sueli. Dicionário de libras: Imagem do pensamento. Escola: São Paulo. 2000.
CASTRO, Alberto Rainha de; CARVALHO, Ilza Silva. Comunicação por língua brasileira de sinais: livro básico/Alberto Rainha de Castro e Ilza Silva de Carvalho. Brasília, 2005.
OLIVER Sacks. Uma viagem ao mundo do surdos. São Paulo, companhia das letras, 1998.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE EAD

Ementa: Compreender os fundamentos teóricos e Históricos da Educação a Distância (EaD) no Brasil, apresentar a evolução conceitual que a Educação a Distância vem sofrendo e as condições básicas para seu desenvolvimento, como as características, qualidade e avaliação, apresentar e discutir a legislação brasileira para EaD.

Bibliografia Básica:

AZEVEDO, Wilson. Educação à distância na universidade do século XXI. In: Aquifolium no ar desde 2000. Disponível em: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/spof2.html>>. Acesso em: 9 de abril de 2006.
MORAN, Manuel José. Muito Além do Jardim de Infância: temas de educação online. Rio de Janeiro: Armazém Digital, 2005.
BALLALAI, (1991) Roberto (org.). Educação à Distância. Niterói, GRAFCEN, 1991.

Bibliografia Complementar:

BARBOSA, Rommel Melgaço. Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.
BARRETO, Lina Sandra. Revista Estudos nº 26. Educação a distância: perspectiva histórica.

FUNDAMENTOS DO TEATRO

Ementa: Princípios do fenômeno teatral. A relação ator-espectador como fundamento do acontecimento teatral. O texto no teatro: palavra, gesto. Voz, movimento, silêncio, encenação. Os artistas, espectadores e elementos de criação em interação: ator, diretor, autor, espectador e composição da direção de arte. Princípios de análise do espetáculo.

Bibliografia Básica:

ORTEGA Y GASSET, José. A idéia do Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1991.
PAVIS, Patrice. A análise dos Espetáculos: Teatro, Mímica, Dança, Dança-Teatro, Cinema. São Paulo; Perspectiva, 2003.
ROUBINE, Jean-Jacques. A Arte do Ator. São Paulo: Jorge Zahar, 1987.

Bibliografia Complementar

ASLAN, Odete. O ator no século XX: evolução da técnica / problema da ética. Tradução: Rachel Araújo de Baptista Fuser, Fausto Fuser e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1994.
BRECHT, Bertolt. Estudos sobre teatro. Tradução: Fiana Pais Brandão. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.

INTRODUÇÃO À CENOGRAFIA

Ementa: O espaço cênico e seu desenvolvimento à partir das relações de representação. A composição dos signos visuais na linguagem teatral. Os conceitos de visualidade, plasticidade e musicalidade na composição do espaço cênico.

Bibliografia Básica:

RATTO, G. Antitratado de cenografia. São Paulo: Senac, 1999.

NERO, Cyro del. Cenografia – uma breve visita. São Paulo: Editora Claridade, 2010.

NERO, Cyro del. Máquina para os Deuses: anotações de um cenógrafo e o discurso da cenografia. São Paulo: Senac, 2009.

Bibliografia Complementar:

CAMPHELLO NETO, A. H.; VIANA, F. A Cenografia- Introdução Histórica e Considerações. São Paulo: Tese de Livre docência (Biblioteca da ECA) 2006.

GARCIA, Clóvis. A Evolução do Espaço Cênico Ocidental, in Uma Experiência Cenográfica, publicação da XX Bienal Internacional de São Paulo. Outubro de 1989.

SOUZA, N. A roda, a engrenagem e a moeda. Espaço cênico e vanguarda no teatro de Victor Garcia, no Brasil. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

INDUMENTÁRIA E MAQUIAGEM

Ementa: Estudo do traje e do figurino, da maquiagem e da máscara como elementos da linguagem teatral. A relação entre o figurino e a maquiagem e a composição da visualidade, da plasticidade e da musicalidade na cena. Sua utilização na caracterização da personagem. A história e a evolução do traje e os materiais utilizados em sua confecção. A maquiagem no contexto do teatro e sua evolução.

Bibliografia Básica:

LEITE, Adriana. Figurino: uma experiência na televisão. São Paulo: Paz e terra, 2002.

Muniz, Rosane. Vestindo os nus: o figurino em cena. Rio de Janeiro: Senac, 2004.

VIANA, Fauto. O Figurino e as renovações do século XX. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

Bibliografia Complementar:

LEVENTON, Melissa. História do Vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racnet e Friedrich Hottenroth. Tradução de Livia Almendary. São Paulo, Publifolha, 2009.

MUNIZ, Rosane. Vestindo os nus: o figurino em cena. Rio de Janeiro, Ed. Senac Rio, 2004.

RAMOS, Adriana Vaz. O designer de aparências de atores e a comunicação em cena. São Paulo: PUC, 2008.

MÁSCARAS E OBJETOS ANIMADOS

Ementa: Estudo da máscara, do teatro de bonecos, do teatro de sombras, do teatro de objetos e de imagens. Reflexão sobre o teatro de formas animadas como linguagem teatral contemporânea, seus princípios, sua dramaturgia e a presença do ator.

Bibliografia Básica: AMARAL, Ana Maria. Teatro de formas Animadas. São Paulo: Edusp, 2000.

AMARAL, Ana Maria. Teatro de Animação: da teoria à prática. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

BALARDIN, Paulo. Relações de vida e morte no teatro de animação. Porto Alegre: Edição do Autor, 2004.

Bibliografia Complementar:

KLEIST, H. Sobre o Teatro de Marionetes. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1977.

KLINTOWITZ, J. Máscaras Brasileiras. São Paulo: Rhodia, 1986.

SANTOS, F. A. G. Mamulengo – um Povo em Forma de Bonecos. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1979.

ENCENAÇÃO E DIREÇÃO

Ementa: Estudos teóricos e práticos da linguagem da encenação teatral. Concepção do espetáculo. Grandes diretores e encenadores. A função do diretor teatral. Articulação dos elementos utilizados no teatro: espaço cênico, cenografia, iluminação, figurino e conceito de ator. O papel do encenador para a renovação do teatro.

Bibliografia Básica:

PAVIS, Patrice. A encenação contemporânea: origens, tendências, perspectivas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROUBINE, Jean-Jacques. A Linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

WEKWERTH, Manfred. Diálogo Sobre a Encenação: um manual de direção teatral. São Paulo: Hucitec, 1997.

Bibliografia Complementar:

AMARAL, Ana Maria. O Ator e Seus Duplos. São Paulo, Edusp, 2002.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. SP: Ed. Perspectiva, 1996.

TCHEKHOV, Michael. Para o Ator. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LABORATÓRIO EXPERIMENTAL

Ementa: Desenvolvimento dos processos criativos e expressivos teatrais. Dinâmicas de integração. Vivência de atividades de relaxamento corporal e jogos teatrais no processo de criação, enfatizando-se o envolvimento intelectual, físico e intuitivo.

Bibliografia Básica:

CHACRA, Sandra. Natureza e sentido da improvisação teatral. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CHEKHOV, Michael. Para o ator. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
KUSNET, Eugênio. Ator e método. São Paulo: Hucitec, 1988.

Bibliografia Complementar:

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
STANISLAVSKI, Constantin. A preparação do ator. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

METODOLOGIA DO ENSINO DE TEATRO I

Ementa: A linguagem dramática como instrumento pedagógico. Pedagogia teatral: estratégias de ensino e práticas pedagógicas de/em teatro, tanto na escola como em outros ambientes onde ele possa ser desenvolvido. Teatro como conhecimento e suas contribuições no desenvolvimento individual e coletivo, no processo de ensino/aprendizagem, enquanto instrumento de transformação social. Organização, planejamento de aulas de teatro com experimentação prática das atividades.

Bibliografia Básica:

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador. São Paulo: Hucitec, 2003.
JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro. Campinas: Papirus, 2001.
FERREIRA, Sueli (Org.). O ensino das artes. Construindo caminhos. Campinas: Papirus, 2001.
BIASOLI, Carmem Lúcia A. A formação do professor de arte: do ensino à encenação. Campinas: Papirus, 1999.

Bibliografia Complementar:

BOAL, A. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
KOUDELA, Ingrid D. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 4ed, 1998.
KOUDELA, Ingrid Dormien. Brecht: um jogo de aprendizagem. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

METODOLOGIA DO ENSINO DE TEATRO II

Ementa: Teatro como elemento de mediação cultural voltados para a formação de público e educação estética. Estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Artes, com destaque para a linguagem do Teatro nos currículos do sistema formal de ensino e a sua articulação com as demais disciplinas. As propostas estaduais e municipais para o ensino de Teatro.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte (1º a 4ª séries / 5ª a 8ª séries). Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997/ 1998.
JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino do Teatro, Campinas: Papirus, 2001.
PUPO, Maria Lúcia S. B. No reino da desigualdade. São Paulo: FAPESP, 1991.
ICLE, Gilberto. Teatro e construção de conhecimento. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

Bibliografia Complementar:

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. A formação do professor de arte. Campinas, SP: Papirus, 1999.
PERRENOUD, Phillippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

FUNDAMENTOS DA ARTE-EDUCAÇÃO

Ementa: Conceituações e definições da arte. A arte educação: aspectos históricos, sociais, políticos, psicológicos e estéticos. A arte educação no Brasil (escolas e movimentos). A arte como forma de conhecimento. Relação arte e aspectos do ensino-aprendizagem.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação - leitura no subsolo. São Paulo: Cortez Editora. 1997.
BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva. 2002.
BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva. 1999.
DUARTE Jr. Fundamentos estéticos da Educação. Campinas: Papirus, 1988.

Bibliografia Complementar:

DUARTE Jr. João Francisco. Por que arte-educação. São Paulo: Papirus, 1996.
FUSARI, Maria Felisminda de Resende & FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I

Ementa: Introdução ao estudo da psicologia: fundamentos históricos e epistemológicos: a relação psicologia e educação. Abordagens teóricas: comportamental e psicanalítica e suas contribuições para a construção do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

Bibliografia Básica:

BOCK, A. M. B. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo, Ed. Saraiva 2002.

COUTINHO, Maria T. da Cunha. Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagens humanos, voltados para a educação: ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano. Belo Horizonte, Ed. Formato Editorial, 2004.

FREUD, S. Obras psicológicas completas. Volume XIII. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1974.

Bibliografia Complementar:

GOULART, I. B. Psicologia da educação: fundamentos teóricos - Aplicações à prática pedagógica. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

SKINNER, B.F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo, Ed. Cultrix / EDUSP, 1982.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II

Ementa: Abordagens teóricas: psicologia genética de Piaget, psicologia sóciohistórica de Vygotsky e suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.

Bibliografia Básica:

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, Sany S. Construtivismo e mudança. São Paulo: Cortez, 2000.

Vygotsky. Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bibliografia Complementar:

COLL, Cesar et al. Desenvolvimento Psicológico e Educação. (vol.1) Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

GOULART, Íris Barbosa. Psicologia da Educação: Fundamentos Teóricos Aplicações à Prática Pedagógica. 16. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS

Ementa: A educação no contexto das transformações da sociedade contemporânea; a relação estado e políticas educacionais; as políticas, estrutura e organização da educação escolar no Brasil a partir de 1990. A regulamentação do sistema educacional e da educação básica. Políticas educacionais.

Bibliografia Básica:

NEY, Antonio. Política Educacional - organização e estrutura da educação brasileira. Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.

VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Política Educacional no Brasil - introdução histórica. São Paulo: Liber Livros, 2010.

SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo dos. Guia Prático da Política Educacional no Brasil - ações, planos, programas e impactos. Rio de Janeiro: Cengage Learning, 2009.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 4 ed. Porto Alegre: CORAG, 2001.

CARNEIRO, M. A. LDB Fácil: Leitura Crítica Compreensiva Artigo a Artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SAVIANI, Dermeval. Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional. São Paulo: Autores Associados, 2004.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: TEATRO EM CONTEXTOS SOCIAIS E EDUCACIONAIS DIVERSOS

Ementa: A teoria/prática de Teatro em comunidades e escolas: mapeamento das práticas teatrais existentes na região. Pesquisa das práticas teatrais nas escolas e sua inserção no contexto pedagógico. Pesquisa das práticas teatrais nas comunidades e seu contexto político, cultural e educacional. Análise e reflexão teórico prática de processos de experimentação de procedimentos da criação artística em teatro. Objetivos e métodos da ação teatral na escola e na comunidade. Planejamento e projeto de estágio. Estágio supervisionado em escola e comunidade. Debate de questões advindas da prática.

Bibliografia Básica:

BARRETO, Rosângela Marta Siqueira. Parametros curriculares nacionais: ARTE. Volume 6. São Paulo: DP&A editora, 2006.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e jogo. São Paulo: editora Perspectiva, 1996.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa & GUERRA, Maira Terezinha Telles. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

Bibliografia Complementar:

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais na sala de aula. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

LOPES, Joana. Pega teatro. São Paulo: Papirus, 1989.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: TEATRO NA ESCOLA

Ementa: Acompanhamento da teoria/prática teatral nas escolas: grade curricular, atividades extracurriculares e teatro como didática de ensino. Inserção do teatro à proposta pedagógica da escola. Perspectiva histórica da área. Objetivos e métodos do teatro na escola. Diagnóstico e elaboração de projeto de ensino de teatro na escola. Relação escola e comunidade na prática artística do teatro. Estágio supervisionado em escola. Debate de questões advindas da prática.

Bibliografia Básica:

AYALA, Marcos & AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2006.
COELHO NETTO, Jose Teixeira. *Moderno pós moderno*. São Paulo: Iluminarias, 2005.
DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do teatro*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

Bibliografia Complementar

LOPES, Joana. *Pega teatro*. São Paulo: Papyrus, 1989.
BARRETO, Rosângela Marta Siqueira. *Parametros curriculares nacionais: ARTE*. Volume 6. São Paulo: DP&A editora, 2006.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: TEATRO NA ESCOLA E MANIFESTAÇÕES CÊNICAS NA COMUNIDADE

Ementa: Desenvolvimento de projeto de ações de teatro em ensino de artes cênicas em escolas. Planejamento e execução de planos de aula na grade curricular nos ensinos médio e/ou fundamental e em atividades extracurriculares focando a integração escola e comunidade. Desenvolvimento de projeto de teatro junto à comunidade, preferencialmente, na participação efetiva na preparação e/ou apresentação de manifestações cênicas da comunidade como festas populares, teatro na comunidade, danças, autos e outros. Estudos sócio culturais das manifestações cênicas. Inserção e contribuições das metodologias de teatro nas ações culturais comunitárias.

Bibliografia Básica:

BARRETO, Rosângela Marta Siqueira. *Parametros curriculares nacionais: ARTE*. Volume 6. São Paulo: DP&A editora, 2006.
KOUDELA, Ingrid Dormien. *Texto e jogo*. São Paulo: editora Perspectiva, 1996.
MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa & GUERRA, Maira Terezinha Telles. *A lingua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais na sala de aula*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

Bibliografia Complementar:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
LOPES, Joana. *Pega teatro*. São Paulo: Papyrus, 1989.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: TEATRO E AÇÃO CULTURAL

Ementa: Planejamento, e execução de projetos de teatro e sequências didáticas no ensino médio. O conhecimento de teatro para o jovem autônomo e crítico, capaz de transformar a realidade e se tornar público/plateia de teatro. O PCN no ensino médio. Compartilhamento de experiências do ensino de teatro com alunos de 2º grau – em anais de congressos e eventos da área e outras publicações.

Bibliografia Básica:

COELHO NETTO, Jose Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminarias, 2004.
COELHO NETTO, Jose Teixeira. *O que é ação cultural?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa & GUERRA, Maira Terezinha Telles. *A lingua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

Bibliografia Complementar:

COELHO NETTO, Jose Teixeira. *Moderno e pós moderno*. São Paulo: Iluminarias, 2005.
DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do teatro*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

TEATRO E PERFORMANCE

Ementa: As vanguardas artísticas do final do século XX e a origem da arte performance: futurismo, construtivismo, dadaísmo e surrealismo. Performance, mídias e novas tecnologias. Presença cênica, simultaneidade e intercâmbios entre arte e vida. Distinções e aproximações entre ator, dançarino e performer. Estruturas de narrativa da performance. Recusa da representação e reencontro com os fundamentos do ritual.

Bibliografia Básica:

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem*. São Paulo: Perspectiva: USP, 1989.
GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
GOLDBERG, RoseLee. *A Arte da Performance: Do Futurismo ao Presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Bibliografia Complementar:

VVVAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes, 2011. ZUMTHOR, Paul. Performance, Recepção e Leitura. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

PRODUÇÃO DE ESPETÁCULOS

Ementa: Análise e planejamento dos elementos necessários à montagem teatral de acordo com a matriz orientadora (texto dramático, texto colaborativo, tema, etc) envolvendo o treinamento dos atores e ensaios, concepção e confecção de cenários, figurinos, caracterização (visualidade); composição sonora e musical.

Bibliografia Básica:

KOHLER, C. História do Vestuário. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2009.

RATTO, G. Antitratado de cenografia. São Paulo: Senac, 1999.

ROUBINE, J.J. A linguagem da encenação teatral. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bibliografia Complementar:

PAVIS, Patrice. A Análise dos Espetáculos. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MUNIZ, Rosane. Vestindo os nus: o figurino em cena. Rio de Janeiro, Ed. Senac Rio, 2004.

RAMOS, Adriana Vaz. O designer de aparências de atores e a comunicação em cena. São Paulo: PUC, 2008.

TCHEKHOV, Michael. Para o Ator. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

METODOLOGIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ementa: Universidade, ciência, arte e formação acadêmica. Metodologias de pesquisa em artes cênicas. Elaboração de projeto de pesquisa. Perspectivas para um Trabalho de Conclusão de Curso: trabalho monográfico, trabalho prático e teórico-prático. Linhas de pesquisa em artes cênicas. O desenvolvimento da pesquisa: práxis artística, pesquisa de campo, levantamento bibliográfico, análise de dados, documentação e estrutura lógica da monografia. O orientador de pesquisa na graduação. Exame de Qualificação de Pesquisa.

Bibliografia Básica:

DESCARTES, Rene. Discurso sobre o Método. Petrópolis: Vozes, 2006.

MAFFESOLI, Michel. Elogio da Razão Sensível. Petrópolis: Vozes, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2008.

Bibliografia Complementar:

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo : Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 4 ed. São Paulo : Atlas, 2001.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ementa: Continuidade do trabalho de pesquisa qualificado na disciplina Núcleos Temáticos de Pesquisa. Desenvolvimento e conclusão da pesquisa em sua amplitude teórico/prática, de acordo com a especificidade de cada projeto. Ensaios e apresentação artística, quando for o caso. Redação do texto monográfico final a ser apresentado à Banca Examinadora. Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. Correções e depósito do trabalho final.

Bibliografia Básica:

ALVES, Rubem. Livro sem Fim. São Paulo: Loyola, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um Discurso sobre as Ciências. São Paulo: Cortez, 2008.

ZAMBONI, Silvio. A Pesquisa em Arte: Um Paralelo entre Arte e Ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.

Bibliografia Complementar:

BASTOS, Lília da Rocha. Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

MARTINS, Gilberto de Andrade; LINTZ, Alexandre. Guia para elaboração de monografias e de trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2000.

CONCEITOS DA EDUCAÇÃO

Ementa: A Educação como processo social; a educação brasileira na experiência histórica do ocidente; a ideologia liberal e os princípios da educação pública; sociedade, cultura e educação no Brasil: os movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil, a relação entre a esfera pública e privada no campo da educação e os movimentos da educação popular.

Bibliografia Básica:

DANILOV, M. A. El proceso de enseñanza en la escuela. ciudad de la Habana, Editorial de Libros para la Educación, 1978.

LIBÂNEO, J.C. “Os significados da educação, modalidades de prática educativa e organização do sistema educacional”. Inter-Ação, Rev. da Faculdade de Educação/UFG, Goiânia, 16(1-2), p.35-46, jan.dez.1992.

LIBÂNEO, J.C “O ato pedagógico em questão: o que é preciso saber”. Inter- Ação, Rev. da Faculdade de Educação/UFG, Goiânia, 17(1-2), p.111-125, jan. dez. 1993.

Bibliografia Complementar:

LIBÂNEO, J.C. Didática, São Paulo, Cortez, 1990.

REYES, Guillermina L. E PAIROL, Gladys E.V. Pedagogia, Ciudad de la Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1988.

O ATOR CONTADOR DE HISTÓRIAS

Ementa: A narrativa e sua origem oral ou escrita; a escolha e a preparação do conto; os estudos dos elementos que envolvem o contar histórias na preparação do ator, como: recursos da linguagem corporal (gestualidade e oralidade); memória, imaginação, espontaneidade, ritmo e outros; distintos recursos inerentes à contação de histórias nos tempos atuais.

Bibliografia Básica:

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

CAFÉ, Ângela Barcellos. Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores. Goiânia, editora UFG: 2005.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teórico/poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS NO ENSINO DE TEATRO

Ementa: Reflexões teóricas e práticas das atividades artísticas do contador de histórias, como abordagem metodológica, para a formação do ator/contador na escola. Crítica e seleção de livros. Contos populares, contos de fadas e fábulas, sua importância no imaginário e na cultura infantil e juvenil. Tipos de narrativa (circular, cumulativa, verso e outras). Música e ilustração na história. Construção de sessões de histórias.

Bibliografia Básica:

SILVA, Vera Maria Tietzmann. Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cànone Editorial, 2008.

BENJAMIN, Walter. In O Narrador. São Paulo, Abril Cultural, 1975 (coleção Os Pensadores).

YUNES, E. & PONDE, G. Leitura e Leituras da Literatura Infantil. Rio de Janeiro, FTD, 1989.

NOVELLY, Maria C. Jogos Teatrais: exercícios para grupos de sala de aula. São Paulo, Papirus, 7 ed. 2003.

WARNER, M. Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

INTRODUÇÃO ÀS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO

Ementa: Compreender a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação na educação, sua repercussão e impactos na formação profissional docente e o papel deste profissional frente à ação potencializadora das TIC no ensino e na aprendizagem. Neste sentido, estabelecer uma linha histórica da implantação das TIC pelo entendimento dos projetos implementados na educação.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, F. C. A. Tecnologias que educam: Ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson, 2009.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, São Paulo, Brasil: Papirus, 2003.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, - 2ª Edição. 1993.

MATTAR, J. Games em educação: Como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Bibliografia Complementar:

BLIKSTEIN, Paulo & ZUFFO, Marcelo Knörich. As sereias do ensino eletrônico. In: SILVA, Marco (org.). Educação Online – Teorias, práticas, legislação, formação corporativa. Edições Loyola. São Paulo, 2003.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. In: On the horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October 2001.

VALENTE, J. A. Curso de especialização em desenvolvimento de projetos pedagógicos com o uso das novas tecnologias: Descrição e fundamentos. In: J. A. VALENTE, M. E. PRADO, & M. E. ALMEIDA, Educação a Distância Via Internet (p. 24). São Paulo, São Paulo, Brasil: Avercamp Editora, 2003.

ESTUDOS DAS FERRAMENTAS FÍSICAS EM TIC E EDUCAÇÃO

Ementa: Estudo das ferramentas de tecnologias de informação e comunicação aplicadas na educação, seu uso reflexivo e criativo. O instrumental de base: fusão de tecnologias do rádio à TV; computadores, internet e seus recursos e web 2.0; captação digital de imagens e sons; acesso remoto.

Bibliografia Básica:

BACCEGA, Maria Aparecida. Televisão na escola: Uma mediação possível? São Paulo: Editora SENAC, 2003.

CARVALHO, F. C. A. Tecnologias que educam: Ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson, 2009.

KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas, São Paulo, Brasil: Papirus, 2003.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, - 2ª Edição. 1993.

MATTAR, J. Games em educação: Como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Bibliografia Complementar:

O'REILLY, Tim. Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. Disponível em: <http://www.cipedia.com/doc/102010>. Acessado em março de 2011.
SCOCUGLIA, A. C. Pesquisa e historiografia da educação Brasileira. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

ESTUDOS DOS SOFTWARES DE PRODUÇÃO EM TIC PARA A EDUCAÇÃO I

Ementa: Estudos dos softwares de produção de recursos pedagógicos: conhecendo e usando ferramentas de captura e edição de áudio, suas potencialidades na produção de podcasts e trilhas sonoras na produção de vídeos; a utilização de "Text to Speech" (TTS) como instrumento auxiliar de locuções e narrações; conhecendo e usando ferramentas de edição de vídeo; montagem de webradio e webTV e sua exploração como recursos pedagógico; utilizando streaming para veiculação de programação pedagógica.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, F. C. A. Tecnologias que educam: Ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson, 2009.
MATTAR, J. Games em educação: Como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
PODCASTER. Manual del podcaster.creative commons: San Francisco, California, USA.2007. Disponível em <http://issuu.com/periodismouesc/docs/manualaudacity?mode=embed&layout=http%3A%2F%2Fskin.issuu.com%2Fv%2Fflight%2Flayout.xml&showFlipBtn=true>. Acessado em março de 2011.

Bibliografia Complementar:

SONY. Sound Forge Audio Studio: Guia de início rápido. Disponível em > http://sony-755.vo.llnwd.net/dspcdn/manuals/audiostudio100_qsg_esp.pdf. Acesso em março de 2011.

TEATRO E A FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

Ementa: O teatro como possibilidade para a formação do sujeito quanto a educação social, artística e estética.

Bibliografia Básica:

Vygotsky, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino do Teatro. Campinas: Papirus, 2001.
READIH. Educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

Bibliografia Complementar:

CABRAL, Beatriz. Drama como método de ensino. SP: Hucitec, 2006.
KOUDELA, Ingrid D. Brecht: um jogo de aprendizagem. São Paulo: Perspectiva. 1991.
PUPO, Maria Lúcia de S.B. Entre o Mediterrâneo e o Atlântico. Uma aventura teatral. São Paulo: Perspectiva, 2005.
VIGANÓ, Suzana Schmidt. As regras do jogo: ação sociocultural em teatro e o ideal democrático. SP; Hucitec, 2006.

ESTUDOS DOS SOFTWARES DE PRODUÇÃO EM TIC PARA A EDUCAÇÃO II

Ementa: Conhecendo e usando softwares para produção de animações - captura e edição; construindo blogs, sites e explorando sua aplicação pedagógica; montando um servidor de páginas no próprio computador e seu potencial de uso para webquests e sites de apoio a aula. Uso das redes sociais a serviço da aprendizagem; ferramentas para webconferências, construção colaborativa; recursos de apresentação, explorando o Prezi.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, F. C. A. Tecnologias que educam: Ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson, 2009.
TORI, Romero. Educação sem distância: As tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora SENAC, 2010.
MONTENEGRO, E. E. U. Entornos virtuales de enseñanza Aprendizaje: Tutorial de Blogger. Disponível em: http://issuu.com/shownomercy85/docs/tutorial_blogger_edward_urbina_02/1#download. Acessado em março de 2011.

Bibliografia Complementar:

TUTORIAL DO PREZI. Prezi, Editor de Presentaciones En Línea. Disponível em: http://issuu.com/angelpuente/docs/prezi_tutorial_nueva_version#download. Acessado em março de 2011.

Observação: A disciplina "Conceitos da Educação" possui a mesma ementa da disciplina "Fundamentos Filosóficos e Sócio-Históricos da Educação", contemplando assim a resolução CEPEC nº 631.

6 EIXO EPISTEMOLÓGICO

A relação de conhecimento não termina no objeto, ou seja, relação não é exclusiva de um sujeito cognoscente com o objeto cognoscível, se prolonga a outro sujeito, tornando-se, no fundo, uma relação sujeito – objeto- sujeito.

Paulo Freire

Entendemos como eixo o princípio: aquilo que está na base, permanece durante e informa o fim – educação como projeto humano de construção do homem feliz numa sociedade justa.

A concepção epistemológica como eixo de todo o curso é fenomenológica, ou seja, a busca do sentido a partir do real vivido. Nas palavras de E. Husserl: “A fenomenologia quer ser ciência e método, a fim de elucidar possibilidades, do conhecimento e da valoração, e as investigações fenomenológicas são investigações universais de essências”. Assim sendo, o eixo epistemológico exige os seguintes princípios metodológicos:

- teoria e prática: vivência e método;
- indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: papel das Universidades na formação do professor com atitude de pesquisador (capaz de refletir, analisar e criticar), necessário ao contexto atual da Educação Brasileira;
- interdisciplinaridade: a ser construída pelas disciplinas de montagem como eixo central, em cada semestre ou ano, preservando a autonomia das outras disciplinas, mas, sobretudo instigando reflexões entre os vários saberes e garantindo o conhecimento científico que se quer no nível superior de ensino;
- enfoque dos conteúdos: com base no reconhecimento e participação da cultura local e regional, atribuindo sentido, ao que é nacional e mundial;
- multiculturalidade entendida como respeito e valorização das singularidades, considerando e realçando a história de uma vida, de um grupo, de vários grupos; a educação para o século XXI exige uma teoria crítica que nos encoraje a identificar os limites reprimidos das culturas não oficiais, legitimando qualquer forma de cultura reconhecida por quem a produz.

Como disciplinas centrais do curso e responsáveis diretamente pelo fazer teatral, temos: Processo de Montagem I e II (com 96h) e Montagem de Espetáculo I e II (com 96h) com cargas horárias maiores, pois são nestas disciplinas em que os conhecimentos devem ser percebidos como interdisciplinares. As outras matérias deverão servir de base e reflexão para compreensão tanto do fazer teatral, como do papel do educador de teatro no Ensino Básico.

7 DINÂMICA ORGANIZACIONAL DE ATIVIDADES PRESENCIAIS E A DISTÂNCIA, AS FORMAS DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES

O Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, terá seu currículo organizado da seguinte forma: 1.966 horas de disciplinas de Núcleo Comum (60,7%), 1.070 horas de disciplinas de Núcleo Específico (33,1%) e 200 horas de Atividades Complementares.

Objetiva-se, com esta distribuição percentual, garantir uma formação plural, com vistas ao enriquecimento intelectual, cultural e humano dos alunos, numa perspectiva inclusiva e interdisciplinar, de acordo com o apregoado nas resoluções de educação vigentes no país, dentre as quais o Regimento Geral dos Cursos de Graduação desta universidade.

7.1 Integralização do Curso

QUADRO DE CARGA HORÁRIA

COMPONENTES CURRICULARES	CH	PERCENTUAL
NÚCLEO COMUM (NC)	1.966	60,7 %
NÚCLEO ESPECÍFICO (NE)	1070	33,1 %
SUB-TOTAL	3.036	93,8 %
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (AC)*	200	6,2 %
CARGA HORÁRIA TOTAL	3.236	100,0 %

*A contagem e validação de Carga Horária referente às Atividades Complementares (AC – exigência da resolução CNE/CES nº 2/2002) ocorrerá de acordo com documento específico, aprovado no Conselho Diretor da Unidade Acadêmica responsável pelo curso.

7.2 Matriz Curricular

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS, MODALIDADE A DISTÂNCIA – PARFOR

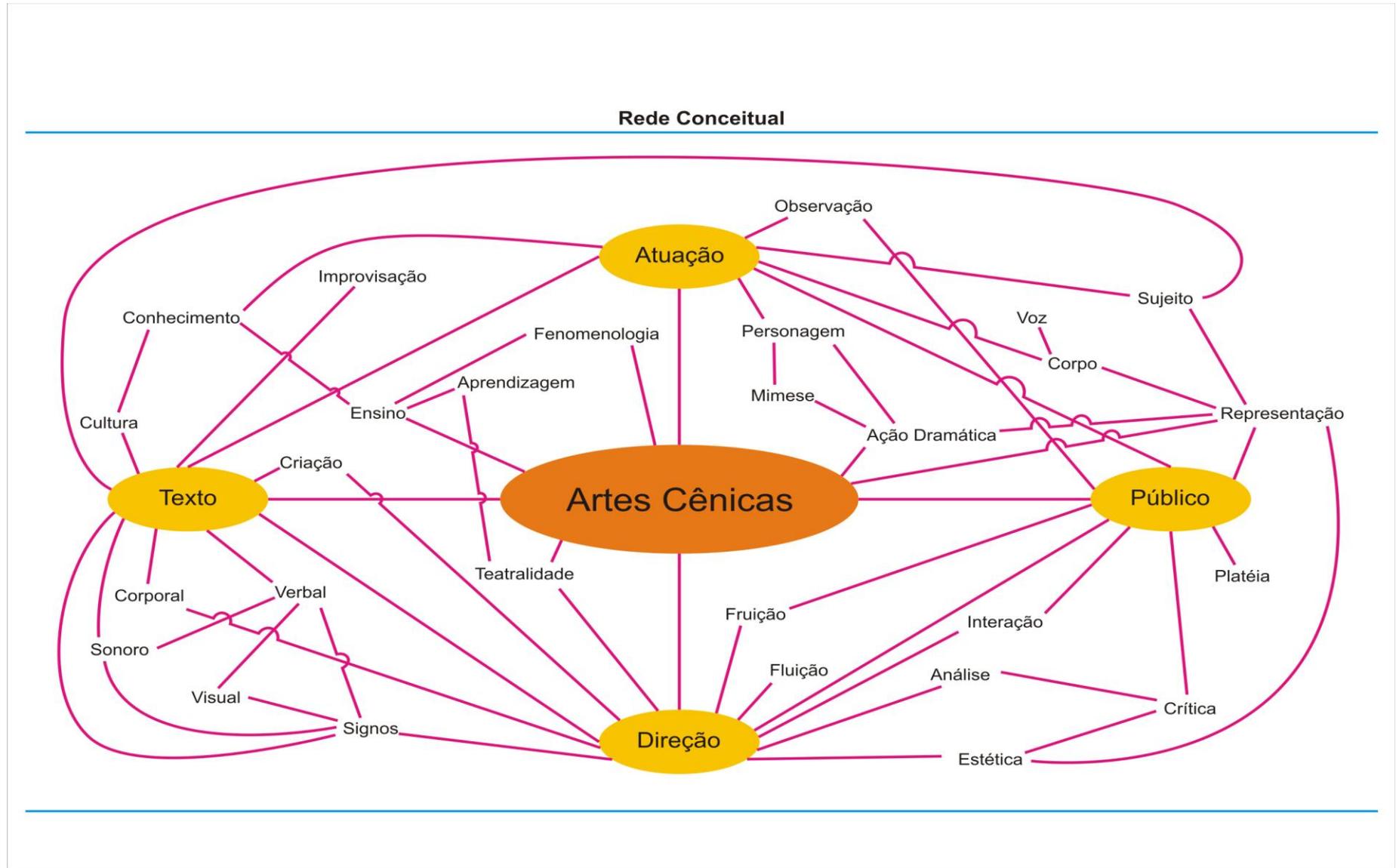
Nº	Disciplina	Unidade Responsável	Carga Horária Semestral		Carga Horária			Núcleo	Natureza
			Teórica	Prática	Distância	Presencial	Total		
1.	Processo de Montagem I	EMAC	32	64*	80	16	96	NC	Obrigatória
2.	Processo de Montagem II	EMAC	32	64*	80	16	96	NC	Obrigatória
3.	Montagem de Espetáculo I	EMAC	32	64*	80	16	96	NC	Obrigatória
4.	Montagem de Espetáculo II	EMAC	32	64*	80	16	96	NC	Obrigatória
5.	Artes do Corpo I	FEF	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
6.	Artes do Corpo II	FEF	8	24	24	8	32	NC	Obrigatória
7.	Artes do Corpo III	FEF	8	24	24	8	32	NC	Obrigatória
8.	Artes do Corpo IV	FEF	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
9.	Expressão Vocal I	EMAC	8	24	26	6	32	NC	Obrigatória
10.	Expressão Vocal II	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
11.	Expressão Vocal III	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
12.	Expressão Vocal IV	EMAC	8	24	26	6	32	NC	Obrigatória
13.	O ator contador de História	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
14.	O contador de Histórias no Ensino do Teatro	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
15.	Jogo, Improvisação e Representação	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória

16. História do Teatro e da Literatura Dramática I	EMAC	64	0	54	10	64	NC	Obrigatória
17. História do Teatro e da Literatura Dramática II	EMAC	64	0	54	10	64	NC	Obrigatória
18. História do Teatro Moderno e Contemp. I	EMAC	32	0	26	6	32	NC	Obrigatória
19. História do Teatro Moderno e Contemp. II	EMAC	32	0	26	6	32	NC	Obrigatória
20. Teatro Brasileiro I	EMAC	8	24	26	6	32	NC	Obrigatória
21. Teatro Brasileiro II	EMAC	8	24	26	6	32	NC	Obrigatória
22. Dramaturgia I	EMAC	24	8	26	6	32	NC	Obrigatória
23. Dramaturgia II	EMAC	24	8	26	6	32	NC	Obrigatória
24. Língua Brasileira de Sinais	PROGRAD	48	16	54	10	64	NC	Obrigatória
25. Introdução aos Estudos de EaD	EMAC	30	0	30	0	30	NE	Obrigatória
26. Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação	EMAC	48	16	54	10	64	NE	Obrigatória
27. Estudos das Ferramentas físicas em TIC e Educação	EMAC	48	16	54	10	64	NE	Obrigatória
28. Estudos dos Softwares de Produção em TIC para a Educação I	EMAC	48	16	54	10	64	NE	Obrigatória
29. Estudos dos Softwares de Produção em TIC para a Educação II	EMAC	48	16	54	10	64	NE	Obrigatória
30. Fundamentos do Teatro	EMAC	32	0	26	6	32	NC	Obrigatória
31. Introdução à Cenografia	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
32. Indumentária e Maquiagem	EMAC	16	48	54	10	64	NC	Obrigatória
33. Máscaras e Objetos Animados	EMAC	16	32*	40	8	48	NC	Obrigatória
34. Encenação e Direção	EMAC	16	48*	54	10	64	NC	Obrigatória
35. Laboratório Experimental	EMAC	16	32*	40	8	48	NC	Obrigatória

36. Metodologia do Ensino de Teatro I	EMAC	16	32	40	8	48	NE	Obrigatória
37. Metodologia do Ensino de Teatro II	EMAC	16	32	40	8	48	NE	Obrigatória
38. Fundamentos da Arte-Educação	EMAC	26	6	26	6	32	NE	Obrigatória
39. Psicologia da Educação I	FE	64	0	54	10	64	NE	Obrigatória
40. Psicologia da Educação II	FE	64	0	54	10	64	NE	Obrigatória
41. Políticas Educacionais	FE	64	0	54	10	64	NE	Obrigatória
42. Estágio Supervisionado I: Teatro em contextos sociais e educacionais diversos	EMAC	32	48	32	48	80	NE	Obrigatória
43. Estágio Supervisionado II: Teatro na escola	EMAC	32	64	32	64	96	NE	Obrigatória
44. Estágio Supervisionado III: Teatro na escola e manifestações cênicas na comunidade	EMAC	32	96	32	96	128	NE	Obrigatória
45. Estágio Supervisionado IV: Teatro e ação cultural	EMAC	32	64	32	64	96	NE	Obrigatória
46. Teatro e Performance	EMAC	16	32	40	8	48	NC	Obrigatória
47. Produção de Espetáculos	EMAC	16	48*	54	10	64	NC	Obrigatória
48. Metodologia do Trabalho de Conclusão de Curso	EMAC	64	64	120	8	128	NC	Obrigatória
49. Trabalho de Conclusão de Curso	EMAC	96	64	144	16	160	NC	Obrigatória
50. Teatro e a Formação Social do Sujeito	EMAC	10	20	30	0	30	NC	Obrigatória
51. Conceitos da Educação	EMAC	64	0	56	8	64	NE	Obrigatória
TOTAL	-	1554	1482	2358	678	3036	-	-

Observação: As disciplinas com cargas horárias práticas destacadas com um asterisco constituem as 400 horas de Práticas como Componente Curricular. Dessa forma, o discente que cursar as disciplinas: Processos de Montagem I e II, Montagem do Espetáculo I e II, Máscaras e Objetos Animados, Encenação e Direção, Laboratório Experimental e Produção de Espetáculos cumprirá a carga horária prevista na Resolução CNE / CES nº 2 / 2012. A somatória da carga horária prática das disciplinas acima citadas, totaliza 416 horas.

7.3 Rede Conceitual



7.4 Fluxograma de Disciplinas

MATRIZ NA SUGESTÃO DE FLUXO CURRICULAR

1º PERÍODO – 348

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Introdução aos Estudos de EaD	30	Obrigatória	NE
Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação	64	Obrigatória	NE
Jogo, Improvisação e Representação	48	Obrigatória	NC
Conceitos da Educação	64	Obrigatória	NE
Artes do Corpo I	48	Obrigatória	NC
Expressão Vocal I	32	Obrigatória	NC
Teatro e Formação do Sujeito	30	Obrigatória	NC
Fundamentos da Arte – Educação	32	Obrigatória	NE

2º PERÍODO – 464H - SENDO QUE 112 HORAS SÃO RELATIVAS ÀS 400 HORAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Artes do Corpo II	32	Obrigatória	NC
Expressão Vocal II	48	Obrigatória	NC
Fundamentos do Teatro	32	Obrigatória	NC
História do Teatro e da Literatura Dramática I	64	Obrigatória	NC
Estudos das ferramentas físicas em TIC e Educação	64	Obrigatória	NE
Psicologia da Educação I	64	Obrigatória	NE
Processo de Montagem I	96	Obrigatória	NC
Encenação e Direção	64	Obrigatória	NC

3º PERÍODO – 448H - SENDO QUE 64 HORAS SÃO RELATIVAS AS 400 HORAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Artes do Corpo III	32	Obrigatória	NC
Psicologia da Educação II	64	Obrigatória	NE
Expressão Vocal III	48	Obrigatória	NC
O contador de História no ensino de Teatro	48	Obrigatória	NC
Teatro Brasileiro I	32	Obrigatória	NC
História do Teatro e da Literatura Dramática II	64	Obrigatória	NC
Montagem do Espetáculo I	96	Obrigatória	NC
Estudos dos Softwares de Produção em TIC para educação I	64	Obrigatória	NE

4º PERÍODO – 400H - SENDO QUE 64 HORAS SÃO RELATIVAS AS 400 HORAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Artes do Corpo IV	48	Obrigatória	NC
Expressão Vocal IV	32	Obrigatória	NC
Teatro Brasileiro II	32	Obrigatória	NC
O Ator Contador de Histórias	48	Obrigatória	NC
Metodologia do ensino de Teatro I	48	Obrigatória	NE
Processo de Montagem II	96	Obrigatória	NC
Estudos dos Softwares de Produção em TIC para Educação II	64	Obrigatória	NE
Dramaturgia I	32	Obrigatória	NC

5º PERÍODO – 448H - SENDO QUE 96 HORAS SÃO RELATIVAS AS 400 HORAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Montagem do Espetáculo II	96	Obrigatória	NC
Metodologia do ensino de Teatro II	48	Obrigatória	NE
História do Teatro Moderno e Contemporâneo I	32	Obrigatória	NC
Introdução à Cenografia	48	Obrigatória	NC
Língua Brasileira de sinais	64	Obrigatória	NC
Dramaturgia II	32	Obrigatória	NC
Estágio Supervisionado I: Teatro em contextos sociais e educacionais diversos	80	Obrigatória	NE
Máscaras e Objetos animados	48	Obrigatória	NC

6º PERÍODO – 416H SENDO QUE 80 HORAS SÃO RELATIVAS AS 400 HORAS DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Teatro e Performance	48	Obrigatória	NC
Políticas Educacionais	64	Obrigatória	NE
Indumentária e Maquiagem	64	Obrigatória	NC
Laboratório Experimental	48	Obrigatória	NC
História do Teatro Moderno e Contemporâneo II	32	Obrigatória	NC
Produção de Espetáculos	64	Obrigatória	NC
Estágio Supervisionado II: Teatro na escola	96	Obrigatória	NE

7º PERÍODO – 256H

DISCIPLINA	CH	NATUREZA	NÚCLEO
Metodologia do Trabalho de Conclusão de Curso	128	Obrigatória	NC
Estágio Supervisionado III: Teatro na escola e manifestações cênicas na comunidade	128	Obrigatória	NE

8º PERÍODO – 256H

Disciplina	CH	Natureza	Núcleo
Trabalho de Conclusão de Curso	160	Obrigatória	NC
Estágio Supervisionado IV: Teatro e ação cultural	96	Obrigatória	NE

8 RECURSO DIDÁTICO E FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO

O Ensino à Distância do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, compreende uma interlocução efetiva entre os alunos e orientadores acadêmicos por meio do sistema Moodle, oferecido pelo Cercomp/Ciar/UFG. Além disso, conta também com um sistema de Tutoria Presencial que fornece subsídios aos alunos na comunicação à distância com o Orientador Acadêmico e/ou Professor Formador, em horários de plantão previamente estipulados pela coordenação.

Para essas comunicações serão utilizados os seguintes recursos:

- ambiente virtual com recursos de fórum, chat, biblioteca virtual, agenda, repositório de tarefas, recursos de acompanhamento, controle de cada aluno, entre outras ferramentas;
- publicações impressas e on-line;
- *web* conferência (aulas práticas com acompanhamento à distância);
- telefone/fax;
- *e-mail*;
- encontros presenciais com aulas práticas e teóricas;
- *sites* de relacionamentos como, *facebook*, entre outros.

A supervisão e acompanhamento dos planejamentos e comunicações das atividades entre os alunos, professores e tutores deve envolver o coordenador de tutoria, que é o responsável pedagógico pelo desenvolvimento do curso. No que se refere à preparação do estudante para uso da tecnologia, os alunos selecionados na Plataforma Freire, para o Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância, serão preparados pelo Polo para noções básicas de informática e ambiente virtual de aprendizagem Moodle, além de terem quatro disciplinas específicas sobre o uso das TIC na educação.

9 POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO

O estágio curricular obrigatório é integrante do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas. Constitui o momento de integração entre os estudos realizados no curso e sua aplicabilidade na prática dos processos de ensino/aprendizagem do fazer teatral nos diversos contextos pedagógicos, sociais e culturais. É momento propício para que o graduando tenha a oportunidade de perceber e compreender a teoria e a prática do fazer e do ensinar teatro.

As disciplinas teórico/práticas que estão sendo ministradas no curso orientarão a observação e análise dos campos de atuação do professor de teatro, bem como subsidiarão as possíveis intervenções que o graduando fará nos locais de estágio. Portanto, é um momento contínuo de reflexão da pesquisa sobre as metodologias do fazer teatral, dentro da sua realidade local.

No estágio, o estudante poderá aprofundar o entendimento do teatro como linguagem artística e suas metodologias de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento dessa modalidade artística na escola, bem como relacionar as atividades extracurriculares como os projetos de contra turno com atividades socioculturais.

Buscando concretizar essa percepção e compreensão, a estrutura do estágio dialoga com os pilares da concepção geral do próprio curso, com a investigação da realidade e com o desenvolvimento de uma proposta de intervenção pedagógica, dialógica, teórico/prática que se interrelaciona com os contextos pedagógicos do ensino do teatro, escola/comunidade campo.

O estágio será realizado no polo, exceto, no caso do estudante residir distante do mesmo, nesse caso, o discente poderá realizá-lo em sua cidade de origem, mas terá a supervisão de um integrante da escola e pela equipe responsável pelo estágio composta por: coordenador de estágio, professor formador ou orientador acadêmico da referida disciplina.

10 PRINCÍPIOS NORTEADORES DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

A Articulação e Integração do Processo de Formação de Docentes de Artes Cênicas no Contexto Educacional Local

Pensar a formação do (a) docente numa prática vinculada à realidade educacional de seu município, entendendo a realidade existente e propondo transformações que enriqueçam e reforcem a educação da prática teatral, em seu local de origem. Para tal, propõem-se atividades conjuntas e paralelas inseridas preferencialmente na rede pública e/ou privada de educação básica (desde que firmado o convênio com a UFG), para que os benefícios do curso se façam sentir ao longo da formação dos nossos estudantes, em conjunto com a realidade pedagógica local.

A Articulação do Processo de Formação de Docentes em Artes Cênicas Com o Contexto Cultural Local

Pensar a formação do (a) docente em TEATRO articulada ao contexto cultural local, apoiando-se numa concepção multi e transcultural de educação na qual a arte e o teatro devem ser entendidos como bens acessíveis a todos. Nesse sentido, propomos seminários, oficinas e temas que enfatizem a relação com a comunidade, com o meio ambiente, com as políticas culturais, com o patrimônio histórico e cultural, com os grupos étnicos, enfatizando a atenção para diversidade e a identidade cultural de cada lugar. Essa articulação deve ampliar a comunicação entre escola e comunidade por meio do teatro e das Artes Cênicas.

10.1 Estrutura Organizacional do Estágio

O estágio de licenciatura está organizado em quatro momentos dentro da estrutura do estágio curricular obrigatório dos estágios e dar-se-á da seguinte maneira:

- 1) 1 (um) professor formador para no máximo três polos, quando um deles for local; quando à distância apenas dois polos por professor formador; 1 (um) orientador acadêmico por polo com o número máximo de 15 alunos. Ultrapassando esse limite o número de orientadores acadêmicos deverá aumentar não devendo exceder a 15 alunos por orientador. O tutor do polo deverá dar suporte ao estagiário e verificar se o mesmo está frequentando os estágios, quando o mesmo estiver em local fixo, ou por meio de telefone, ou e-mail ao supervisor;
- 2) o professor formador e os orientadores acadêmicos serão responsáveis pelo cumprimento da disciplina a ser elaborada por um professor autor da UFG ou convidado. A função de cada um desses profissionais está descrita no item: 'Dinâmica de fluxo de relações de trabalho' deste Projeto Pedagógico de Curso;

- 3) o coordenador de estágio será responsável pela solicitação de convênios, organização de documentos do estágio e por apoiar planejamento, acompanhar e avaliar junto com os professores-orientadores e professores-formadores a realização dos estágios, sempre que estes o solicitarem;
- 4) os alunos poderão se organizar em grupos de no máximo três alunos, podendo também realizar o estágio em duplas ou individualmente;
- 5) para cada etapa do estágio o aluno entregará um relatório final do estágio realizado e um planejamento de atividades para ser realizado na etapa seguinte. Ao final dos quatro estágios o aluno entregará um único relatório final contendo um conjunto de reflexões, análise e experiências contidas nos quatro relatórios já entregues e corrigidos. Esses relatórios comporão o processo avaliativo dos alunos, dentre outras formas de avaliação de cada disciplina de Estágio, definidas pelos professores formadores e orientadores acadêmicos;
- 6) poderão *também* ser utilizados, para melhor acompanhamento e avaliação dos estágios, registros audiovisuais;
- 7) os estágios curriculares não obrigatórios terão regulamentação específica da UFG, mas não podem ser realizados sem o consentimento da coordenação de Estágio, que é responsável por acompanhar e assinar toda a documentação e arquivar. O coordenador de estágio é o responsável por acompanhar o estágio não obrigatório dos estudantes, assinar toda a documentação e arquivar.

10.1.1 Estágio Supervisionado I: Teatro Em Contextos Sociais e Educacionais Diversos

Nesse momento do estágio, o aluno ou grupo de alunos desenvolverá **pesquisa de campo** em diversas situações de ensino de teatro:

- fará um mapeamento das manifestações cênicas diversas na comunidade local bem como nas escolas;
- após o mapeamento o aluno realizará observações e análises de práticas pedagógicas de teatro e/ou Artes Cênicas, em contextos diferenciados de educação: educação infantil, ensino fundamental e médio (público e privado), educação de Jovens e Adultos, centros culturais, associações e comunidades;
- buscar-se-á compreender a diversidade das situações de ensino e das maneiras onde o teatro pode atuar e o contexto político, pedagógico e cultural dessas situações de ensino, com vistas a subsidiar o planejamento de atividades dos estágios subsequentes;
- concomitante a esse processo de pesquisa, deverá ser desenvolvido junto aos alunos processos de experimentação de procedimentos da criação artística em teatro.

Ao término do estágio I, o aluno apresentará relatório final do estágio I e planejamento de atividades do estágio II.

Distribuição da carga horária: 48h com o orientador acadêmico (presencial e Moodle) e 32h no campo de estágio, comprovados por formulários.

10.1.2 Estágio Supervisionado II – Artes Cênicas na Escola

Prática do planejamento de atividades do estágio supervisionado na escola. Imersão em experiências de ensino de Artes Cênicas no contexto escolar.

Buscar-se-á compreender a inserção do teatro na grade curricular da escola e o seu contexto pedagógico, se esforçando para abrir espaços para o ensino do teatro nesta conjuntura. Entender que os projetos extracurriculares de teatro são de extrema importância para a escola e para a área de Artes Cênicas, mas, não tiram a necessidade da luta pela inclusão do teatro na grade curricular.

Nessa fase do estágio o aluno ou grupo de alunos fará acompanhamento das diversas atividades escolares visando compreender a dinâmica organizacional da escola, bem como, em comum acordo com a coordenação e professores, propor atividades pedagógicas na área das Artes Cênicas (por exemplo, em projetos interdisciplinares com outros professores). Propor-se-á a análise e a reflexão da relação do teatro com a proposta pedagógica e dinâmica escolar, a ser discutida no ambiente virtual e estar presente no relatório final.

Nas escolas em que houver professor de teatro com formação superior específica em Artes Cênicas (ou Teatro), segundo exigência da LDB 9394/96, o estagiário deverá observar como tem sido desenvolvida essa prática, no ensino fundamental. Nas escolas onde não houver tal profissional o estagiário observará o cotidiano da escola procurando espaços para uma intervenção com base nas observações iniciadas no estágio I. Ambos poderão, preferencialmente, propor algum tipo de intervenção teatral, a saber, mini curso, idas ao teatro, apresentações na escola, desenvolvimento de projeto, palestras e debates e outros.

Ao término do estágio II, o aluno apresentará relatório final do estágio I e II e planejamento de atividades do estágio III.

Distribuição da carga horária: 32h com o orientador acadêmico (presencial e Moodle) e 64h no campo de estágio (comprovados por meio de formulário, carimbado e assinado pela escola campo conveniada).

10.1.3 Estágio Supervisionado III – Teatro na Escola e Manifestações Cênicas na Comunidade

Prática do planejamento de atividades do estágio supervisionado, preferencialmente, integrando atividades teatrais na escola e na comunidade. Experiências no ensino de Artes Cênicas em escolas, desenvolvendo planejamento de aula na matriz curricular e participação de manifestações cênicas da comunidade que privilegiem experiências de arte e cultura integrando escola e comunidade, de acordo com a carga horária explícita no Regulamento de Estágio.

Nessa fase, o aluno ou grupo de alunos fará o acompanhamento e participará da preparação e/ou na apresentação de manifestações cênicas diversas como festas populares, teatro na comunidade, danças, autos e outros, subsidiados pela análise dos contextos sociais, culturais e políticos das manifestações cênicas. Inserção e contribuições das metodologias de teatro nas ações culturais comunitárias.

Ao término do estágio III, o aluno apresentará relatório final do estágio I, II e III e planejamento das atividades do estágio IV.

Distribuição da carga horária: 32h com o orientador acadêmico; 48h para desenvolvimento de projeto em sala de aula; 48h para desenvolvimento de projeto escola/comunidade. Dessas 96h destinadas ao desenvolvimento de projetos, requer-se que entre 24h e 60h sejam de intervenção com base no projeto e plano de curso, ou seja, minicurso, oficina, debate, palestra e apresentações.

10.1.4 Estágio Supervisionado IV – Teatro e Ação Cultural

Imersão no cotidiano escolar acompanhando uma turma de nível médio, planejando e ministrando aulas sob a observação do supervisor, quando houver um professor formado na escola. Nas escolas em que o teatro não é desenvolvido, pela falta do profissional, realizar alguma intervenção com alunos podendo envolver professores do nível médio. Nas escolas onde não houver tal profissional o estagiário deve procurar espaços para uma intervenção com base nas experiências anteriores construídas nas diferentes fases do estágio, nas disciplinas do

curso e em outros espaços. Poderão, preferencialmente, propor algum tipo de intervenção teatral, a saber: desenvolvimento de projeto teatral com alunos do ensino médio (montagens, leituras dramáticas), considerando a importância da autonomia e protagonismo juvenil, apresentações na escola, idas ao teatro, mini curso, palestras e debates, festivais, mostras, encontros e outros.

Ao término do estágio IV, o aluno apresentará o Relatório Final de Estágio contendo reflexão e avaliação dos processos desenvolvidos nos Estágios I, II, III e IV e respectiva sistematização dos dados.

Conforme a política de estágio da UFG esse Relatório Final é documento a ser arquivado para integralização curricular.

Distribuição da carga horária: 32h com o orientador acadêmico (orientação e acompanhamento à distância das ações e orientação do relatório) e 64h no campo de estágio, para o desenvolvimento do projeto já elaborado na fase anterior.

O estágio visa agregar o curso de Artes Cênicas – presencial e a distância – sempre que possível, à escola e à comunidade na realização de eventos de caráter cênico, promovidos pelos alunos: festival, mostra, seminário, debates que contribuam para a difusão e valorização da arte teatral na comunidade.

10.1.5 Estágio Curricular Não Obrigatório

O estágio curricular não obrigatório possibilita a atuação por tempo limitado dos estudantes em trabalhos remunerados desde que não ultrapassem a carga horária de vinte horas semanais. O estudante poderá realizá-lo com a condição de que as atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório correspondam à sua área de formação. O desenvolvimento de estágios dessa natureza não conta para a integralização da carga horária do estágio curricular obrigatório, nem das duzentas horas de atividades complementares necessárias para a integralização do curso como um todo. O aluno poderá iniciar o estágio não obrigatório a partir do 2º período do curso em razão de especificidade da área.

11 INFRAESTRUTURA

Para o funcionamento do curso o polo deve oferecer condições quanto à infraestrutura como: biblioteca, sala de tutoria, laboratórios de informática devidamente equipado, sala de coordenação e secretaria, salas de aulas teóricas com carteiras e quadro branco, salas de aulas práticas com chão apropriado – linóleo ou praticáveis em madeira tratada, isolamento acústico e materiais como:

- a) 04 Ventiladores;
- b) 02 Filmadoras;
- c) 04 Baús, para guardar objetos pequenos e médios;
- d) 08 Bancos sem encosto (40X40X50);
- e) 02 Cabideiro (ou arara) p/ pendurar figurinos;
- f) 30 cabides;
- g) 01 Som-mp3/USB;
- h) 50m Tecidos diversos de cores e texturas variadas;
- i) 50m corda de seda;
- j) 35 unidades - colchonetes um para cada aluno;
- k) 40 Bolas plásticas grandes, com bico de ar (usada no pilates);
- l) instrumentos de percussão (tambor, chocalho, pandeiro e ganzás);
- m) mesa grande para trabalhos com cenografia, figurino e mascaras.

12 PROCESSO DE AVALIAÇÃO PRESENCIAL E A DISTÂNCIA DEFININDO CRITÉRIOS E INSTRUMENTOS

12.1 AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

Entende-se por avaliação institucional o processo de avaliação das instituições públicas e privadas que tem por objetivo a melhoria da qualidade de ensino, buscando sempre a excelência na produção, sistematização e democratização do saber, focado no aperfeiçoamento dos benefícios prestados à sociedade.

O Sistema de Avaliação da Educação Superior (SINAES) foi instituído pela Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, que utiliza como proposta de instrumento avaliativo a auto-avaliação (procedimento interno das IES) e a avaliação externa (Comissão de avaliadores do MEC). Além disso, a Instituição é avaliada com base no Exame de Desempenho dos Estudantes – Enade, que tem como objetivo verificar a qualidade do curso, seu conteúdo programático curricular, habilidades e competências.

A avaliação institucional interna do Curso Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR será administrada e executada por uma equipe interdisciplinar, envolvendo representante de cada área específica do curso, a saber: corpo docente, coordenadores, técnicos administrativos, equipe de produção de material, enfim, os que estejam ligados à rede de ensino do curso proposto.

A equipe será responsável pela elaboração de instrumentos avaliativos específicos, com base no instrumento que é atualmente utilizado pela Comissão de Avaliação Docente – CAD/UFG. Depois de aplicados, a análise e a verificação dos resultados deverão orientar mudanças efetivas, necessárias para a melhoria do curso. Esses instrumentos devem abranger toda a estrutura do curso a Distância, desde a estrutura física da sede e dos polos até conteúdos programáticos, desempenho dos professores, qualidade do material didático, do ambiente de aprendizagem, condições de trabalho, entre outros a serem definidos pelo colegiado e aprovados pela equipe de avaliação.

O produto dos instrumentos avaliativos deverá ser arquivado e disponibilizado, tanto para consultas internas quanto para a comissão de avaliação externa, assim como os demais objetos avaliativos dos alunos do curso como: TCCs, Relatórios de Estágio, produções artísticas, etc. E, como a princípio a equipe de avaliação não estará formada e o processo de construção de instrumentos ocorrerá no andamento do curso e de acordo com as necessidades, algumas medidas provisórias de acompanhamento poderão ser tomadas como seminários e discussões entre o colegiado e comunidade acadêmica para avaliação e auto-avaliação das práticas pedagógicas, do corpo docente, do curso e do currículo e reuniões ou conselhos para compartilhamento de experiências acadêmicas, revisão das ementas, bibliografias, metodologias, entre outros, com vistas ao desenvolvimento contínuo dos professores e do pessoal técnico administrativo. A responsabilidade com o ensino e com a inovação tecnológica, sem abrir mão dos princípios e valores que norteiam a ética nas relações entre as equipes de trabalho, deve guiar essas avaliações.

A avaliação deve ter como propósito identificar as eventuais dificuldades e realizar as intervenções e diagnósticos a fim de atender as necessidades da instituição e obter índices positivos nos indicadores de qualidade, visando a excelência e a consolidação da autonomia universitária para melhor cumprir com sua responsabilidade social.

12.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Consiste em uma prática de acompanhamento aconselhado e contínuo do discente, considerando os objetivos do curso, verificando as capacidades dos alunos de percepção, assimilação do conteúdo aplicado, reflexão, análise e estabelecimento de relações, crítica e argumentação, criação e sistematização do conhecimento, participação constante tanto nas aulas práticas como nas teóricas em ambientes virtuais e/ou presenciais. O foco principal deve ser a participação coletiva desenvolvida nas situações de ensino/aprendizagem, tanto teórica quanto práticas, que implicará ao aluno pleno envolvimento com as práticas teatrais e com o conteúdo que as fundamentam.

Em relação às verificações das atividades teóricas e práticas, essas poderão ser atribuídas por meio de processos de auto-avaliação, elaboração crítica e escrita das práticas, fichamentos, resumos, resenhas ou testes, participação no processo de avaliação dos colegas, nas reflexões nos encontros presenciais em fóruns virtuais, utilizando os seguintes instrumentos e variando segundo a metodologia de cada professor:

- participação ativa nos encontros presenciais e virtuais, compreendendo critérios como: pontualidade, assiduidade, integração dos conteúdos interdisciplinares, interação, colaboração, cumprimento das atividades e tarefas, capacidade de síntese e articulação entre teoria e prática, tanto oralmente quanto na escrita. Também considerando a análise crítica dos alunos, progressos e contribuições para o processo ensino/aprendizagem e a realização das tarefas no prazo determinado;
- fichamentos de leituras; resumos e/ou resenhas críticas;
- seminários realizados pelos alunos e/ou participação em outros eventos similares;
- trabalhos escritos: sínteses, esquemas, portfólios, pesquisas, relatórios (semanais, mensais e de estágio) que registrem e sistematizem as atividades práticas dos alunos, etc.;
- exercícios de auto-avaliação, tanto dos docentes envolvidos como do discente, de seu processo de aprendizagem e de sua 'prática docente', verificando e reconhecendo suas estratégias de ensino, de orientações didáticas;
- provas teóricas aplicadas pelos tutores e realizadas nos polos ou em aulas presenciais e práticas, registradas por meio de imagens, dramatizações ou composições cênicas ou na realização de atividades realizadas presencialmente analisando o desenvolvimento de cada aluno;
- elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

O TCC consiste na elaboração científica monográfica e defesa perante uma banca examinadora (composta por três docentes), resultante do processo de pesquisa com aprofundamento temático de acordo com a escolha do aluno. A avaliação será baseada em processos individuais e em grupo e será acompanhada pelos orientadores acadêmicos e professores formadores, podendo ainda ser analisada pelo professor autor. Este poderá verificar se seu objetivo foi atingido considerando o desempenho do aluno em relação ao que foi planejado em seu material didático e discutir ou abrir debates com os demais envolvidos no processo ensino-aprendizagem, através dos fóruns, sobre as suas considerações.

O critério de avaliação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, assim como o presencial, segue as normas do Regulamento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG da Universidade Federal de Goiás, consubstanciado na Resolução - CONSUNI - 06/2002 em que o aluno estará aprovado na disciplina se obtiver média final, igual ou superior a 5,0 e frequência igual ou superior a 75% da carga horária da disciplina, que será controlada nos momentos presenciais e não presenciais, pelo ambiente

Moodle. Assim, o controle de frequência implicará também como critério de avaliação. De acordo com o Decreto 5.622/2005, as avaliações presenciais terão um peso correspondente a 60% do total da nota final acumulada e as demais avaliações não presenciais terão peso de 40% em cada disciplina.

Enfim, além de orientar a organização do planejamento pedagógico, a avaliação é fundamental para a reflexão e reconstrução das práticas e metodologias. Esta favorece tanto aos docentes como aos discentes na construção da autonomia com base na experiência e na autoavaliação de seu processo de criação, construção, elaboração, sistematização do saber e, conseqüentemente, resulta na qualidade da mediação e da troca de conhecimento.

13 DINÂMICA DE FLUXO DA RELAÇÃO DE TRABALHO ESPECIFICANDO AS FUNÇÕES DOS ENVOLVIDOS:

A estrutura pedagógica deste Curso conta com os seguintes participantes:

COORDENADOR DE TUTORIA: As mesmas atribuições do coordenador (quando este estiver ausente), não sendo exigida a mesma titulação, ficando mais responsável pelas questões pedagógicas. Deve também acompanhar as atividades de planejamento dos Professores Formadores e Orientadores Acadêmicos, mediando os problemas, sobretudo de comunicação presencial, ou à distância. Será nomeado pelo coordenador do curso, com o referendo dos professores das Artes Cênicas e do Conselho Diretor da EMAC.

COORDENAÇÃO DO CURSO: Responsável pela articulação em todos os setores da Instituição, cargo exercido por um docente vinculado a UFG, com titulação mínima de Mestre, eleito pelos professores do curso de Artes Cênicas, referendado pelo Conselho Diretor de graduação e nomeado pela Reitoria da UFG. Responde pelas questões administrativas e pedagógicas do curso.

O perfil da Coordenação de Curso contempla as seguintes características:

- a) ser professor efetivo da Universidade Federal de Goiás;
- b) ter disponibilidade para se locomover até os Polos, atendendo as necessidades de reuniões com os profissionais envolvidos e alunos;
- c) ter experiência em coordenações ou de gestão educacional e empatia com seus valores e práticas democráticas.

A Coordenação de Curso deve assumir as seguintes competências:

1. representar oficialmente o curso de graduação semipresencial da UFG; no caso de impedimento, poderá ser substituído pelo Coordenador de Tutoria, ou um professor efetivo da UFG;
2. manter contato com o setor de Imprensa da UFG e da Mídia impressa e eletrônica no tocante à divulgação das notícias referentes ao curso, articulando informações pertinentes ao teatro entre os Polos;
3. proporcionar apoio pedagógico aos professores e alunos do curso e, quando houver necessidade, acompanhar as atividades de aula e planejamento;
4. convocar reuniões com os professores do curso para sua coordenação e execução, de acordo com o seu Regulamento e demais deliberações e resoluções da UFG;
5. realizar em parceria com outras coordenações, encontros, seminários e congressos;
6. solicitar pagamento dos serviços;
7. enviar à Pró-Reitoria de Administração e Finanças - PROAD - documentos/relatórios periódicos sobre as atividades dos cursos em andamento.

SECRETÁRIO ACADÊMICO: Profissional responsável pelos assuntos administrativo-acadêmicos: matrícula, acompanhamento dos alunos, menções (elaborar ofícios, memorandos e quaisquer outras correspondências que visem à comunicação entre unidades, órgãos e instituições). Reportar-se-á diretamente ao coordenador do curso para tratar de todos os assuntos a ele vinculados. Lotado na unidade da UFG, um por curso, coordena a matrícula *on-line* junto à coordenação de Polo, acompanhando as atividades administrativas; colabora com a coordenação organizando encontros presenciais e atividades avaliativas.

PROFESSORES AUTORES: São os responsáveis pela produção dos conteúdos do curso, elaborando materiais de mídias para a EaD (ambiente virtual, materiais didáticos, vídeos, simulações etc). Essas produções deverão seguir a perspectiva multicultural e interdisciplinar proposta para os cursos de Artes. Os professores respondem por todo o conteúdo de um agrupamento de temas, ou por parte dele, dependendo das especificidades. Deve ainda ser do quadro permanente ativo ou aposentado da UFG ou convidado. Quando for do quadro ativo da UFG deverá atuar também, obrigatoriamente, como professor formador. Dentre suas atribuições estão à elaboração dos planos de curso, revisão do material a serem impresso e indicação das diretrizes para elaboração das avaliações de sua disciplina. Eles estarão em contato direto com os tutores por meio do ambiente virtual utilizado para integração e comunicação entre todo o corpo docente envolvido nos cursos e prestarão suporte aos professores formadores, orientadores acadêmicos e tutores de Polo, caso necessário.

PROFESSOR FORMADOR: Deverá ser professor do quadro ativo da UFG ou professor pesquisador convidado, sendo um professor por disciplina (um para todos os polos), responsabilizando-se pela disciplina a ser oferecida, norteando e planejando com os Orientadores Acadêmicos (tutores a distância) de cada Polo. É ele quem assina pela disciplina, temática ou eixo com o qual está responsável, ou seja, responsabilidades inerentes à atividade docente. Ele planeja e acompanha os conteúdos, atividades e avaliações da disciplina junto aos Orientadores Acadêmicos e Tutores de Polo. Esse acompanhamento significa se preocupar com o aprendizado dos estudantes, estratégias de motivação, de construção de conhecimento e planejamento de avaliação; responsabiliza-se pela recuperação paralela junto aos Orientadores Acadêmicos e Tutores de Polo; nesse sentido ele orienta uma formação continuada dos Orientadores Acadêmicos e Tutores de Polo. Cabe ao professor formador: participar dos cursos de formação promovidos pela coordenação do CIAR/UFG; conhecer a proposta do curso de EaD a ser ofertado; conhecer e analisar o material didático do curso; participar de reuniões específicas junto à coordenação de curso e do CIAR/UFG; cumprir cronograma definido pela coordenação do curso; e estabelecer critérios de avaliação discente com apoio dos Orientadores Acadêmicos e Tutores de Polo e participar presencialmente, quando possível.

COMISSÃO EDITORIAL: Composta por professores da UFG com experiência em EaD e conteúdos específicos dos materiais a serem publicados que vão garantir o registro de sua autoria e sua publicação (ISBN). Essa equipe é de responsabilidade do CIAR, que encaminhará o material depois de corrigido e aprovado para a Equipe de Produção de Material.

ORIENTADORES ACADÊMICOS: Devem ser necessariamente, professores com graduação compatível com a área de atuação do curso. Têm como função acompanhar à distância o desenvolvimento das atividades de aprendizagem e avaliação de uma disciplina do curso, sendo responsável por uma única turma. A esse Orientador cabe auxiliar os Tutores Presenciais em suas dúvidas, além de atender os alunos nas questões teórico-metodológicas e

práticas das disciplinas, orientando o desempenho acadêmico e a efetiva aprendizagem do aluno. Ele acompanha diretamente a realização das tarefas, atividades e exercícios junto aos estudantes no Ambiente Virtual Moodle. Responsabilizam-se pelo lado operacional da organização dos estudos, alterando calendário (agenda de atividades) quando necessário, considerando as proposições do material didático da disciplina em ambiente virtual; preenche o registro acadêmico (atividades e presenças), repassando ao professor formador; planeja as atividades presenciais e as avaliações junto ao Professor Formador; tira dúvidas dos alunos, podendo recorrer ao Professor Autor e/ou Professor Formador. Deve participar continuamente de processo de formação continuada. Os Orientadores deverão ter disponibilidade de doze horas semanais para os trabalhos no curso. Além de estar disponível para as reuniões semanais com o professor formador, (ficando a critério de cada professor formador o horário e o dia para tais reuniões) e, mensais com a coordenação de tutoria.

COORDENADOR DO POLO: Cada polo tem um coordenador, independentemente da quantidade de cursos oferecidos ou de estudantes por curso, que é responsável por coordenar (administrativamente) todos os que atuam no polo de apoio presencial para cursos à distância: tutores de polo, biblioteca, laboratório, materiais didáticos, secretaria, etc. Sua responsabilidade é garantir que sejam dadas as condições necessárias para a realização das atividades presenciais no polo e das atividades à distância solicitadas aos estudantes, em consonância com os gestores parceiros UFG, Estado e Município, ou seja, administrar os espaços e os materiais necessários à realização do curso em cada local.

A competência do Coordenador do Polo é:

1. estar presente sempre que o curso estiver sendo realizado;
2. repassar avisos/informações/documentos aos tutores e alunos sempre que se fizer necessário;
3. manter atualizado o arquivo de documentos de todo o curso: currículos, cópias dos diplomas, trabalhos de conclusão de curso - TCCs, relatórios finais de estágio, projetos e relatórios de pesquisa e extensão desenvolvidos no Polo;
4. organizar o quadro de Professores Orientadores, com os temas dos projetos de TCC, bem como agendar as defesas providenciando a comunicação e as passagens/diárias dos componentes da banca, o local de realização e os materiais necessários para a defesa;
5. manter atualizado o controle das aulas ministradas, bem como o relatório de notas entregue em cada disciplina dos cursos;
6. receber os relatórios de notas e faltas assinados pelos professores e posteriormente responsabilizar-se pelos seus lançamentos no sistema;
7. encaminhar o aproveitamento escolar e o registro da frequência dos acadêmicos à Secretaria Acadêmica do Polo;
8. providenciar a disponibilidade de espaços apropriados para as aulas presenciais, acompanhando a organização da estruturação física, de equipamentos, livros e outros que se fizerem necessários ao bom andamento do curso;
9. organizar e acompanhar os horários dos recursos humanos (tutores, secretária, etc) assegurando tanto os momentos presenciais como os não presenciais do curso;
10. participar junto com a coordenação da UFG do processo de seleção e capacitação dos orientadores acadêmicos e Tutores de Polo;
11. participar de cursos de formação promovidos pelo CIAR/UFG;
12. participar de reuniões junto à coordenação da UFG, estabelecendo comunicação permanente.

TUTORES PRESENCIAIS OU TUTOR DE POLO: Cada Polo tem um tutor responsável permanentemente pelos estudantes em todas as disciplinas do curso, ele deve estar presente nas aulas práticas e nas avaliações. Ao Tutor Presencial cabe aplicar, acompanhar e dar retorno aos alunos nas avaliações presenciais; auxiliar nas dúvidas e, se necessário, atender e auxiliar os alunos nas questões teórico-metodológicas do curso e sobre a utilização do ambiente virtual Moodle; controlar a frequência nas atividades presenciais, incentivando e dinamizando os alunos para que persistam no curso; representar a instituição formadora junto aos estudantes; garantir e acompanhar o recebimento do material didático com apoio da coordenação do Polo; preparar, organizar e realizar, junto à coordenação do Polo, os encontros presenciais em consonância com os Orientadores Acadêmicos, Professores Formadores, material didático e coordenação de curso; opinar, aplicar e acompanhar as avaliações presenciais e a recuperação paralela, remetendo-as aos Orientadores Acadêmicos, dinamizando o curso daquele Polo com a comunidade. Esses Tutores podem ser professores da rede pública, ativos ou aposentados, com a devida competência na área, ou ainda alunos de mestrado ou doutorado. Esses tutores deverão ter disponibilidade de 20h semanais para os trabalhos no curso.

MONITOR: Em casos específicos (como nos processos de montagem) poderá se adotar um monitor para auxiliar o Orientador Acadêmico em atividades específicas (resolução de exercícios, elaboração de práticas). Para tanto deverá ser elaborado um projeto de monitoria (plano de trabalho) pelo Professor Formador, independentemente de concessão de bolsas ou qualquer remuneração.

Todos os participantes da estrutura pedagógica de EaD têm como função básica acompanhar o aluno, incentivá-lo e motivá-lo ao aprendizado, podendo se comunicar com ele presencialmente e/ou no ambiente Moodle: Professor Formador, Orientador Acadêmico e Tutor de Polo.

COORDENAÇÃO DE ESTÁGIO: O Coordenador de Estágio incumbe-se de:

- providenciar a escolha dos locais de estágio junto aos coordenadores de Polo e Geral, designando os alunos aos campos selecionados;
- solicitar a assinatura de convênios e cadastrar os locais de estágio junto ao setor de Convênios da UFG;
- apoiar o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das atividades de estágio quando requisitado pelo Professor Orientador;
- supervisionar o desenvolvimento das atividades de estágio curricular, dando suporte aos alunos, professores e escola-campo;
- encaminhar o resultado da avaliação final do estagiário à Secretaria da Unidade de Ensino para registro e expedição do respectivo Diploma;
- receber, arquivar e manter atualizada toda a documentação específica do estágio (formulários e convênios), bem como os relatórios finais junto ao coordenador de Polo e Secretária do curso;
- promover o debate e a troca de experiências no próprio curso e nos locais de estágio por meio de seminários e outros eventos;
- acompanhar, quando possível, saídas e viagens dos alunos estagiários a locais diversos, inclusive fora de sua cidade Polo ou fora do Estado de Goiás.

COORDENAÇÃO E EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL: Constituída por profissionais do CIAR, aptos a desenvolverem os diversos materiais a serem utilizados no curso: multimídias, vídeos, impressos e outras criações dos Professores Autores.

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO E GERENCIAMENTO DO SISTEMA: Será formada por profissionais responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção da plataforma a ser utilizada para a realização dos estudos e atividades referentes aos laboratórios de pesquisa do curso.

14 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Entende-se por atividades complementares a participação, sem vínculo empregatício, em pesquisas, conferências, seminários, palestras, congressos, debates e outras atividades científicas, artísticas e culturais. (RGCG/UFG - Art. 5º, § 7º, II).

Para integralização do curso, o aluno necessitará comprovar pelo menos 200 h em Atividades Complementares (AC), realizadas ao longo do curso, conforme normativa do Regimento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG. A contagem de horas complementares para os cursos de Teatro nas modalidades licenciatura presencial, licenciatura à distância e bacharelado, Direção e Produção de Arte será feita conforme a seguinte tabela:

- 1) espectador de apresentação artística: 2h, pontuação máxima 50h;
- 2) participação em palestra ou debate: 3h, pontuação máxima de 50h;
- 3) participação em congresso ou conferência local ou festival de Artes Cênicas (GO): 4h por dia, máximo de 50h;
- 4) participação em congressos, conferências ou festivais de Artes Cênicas em outro Estado: 8h por dia, máximo de 50h;
- 5) participação em oficinas e minicursos: carga horária discriminada no certificado ou declaração, máximo de 70h;
- 6) participação em grupo de pesquisa/extensão: conforme atribuição do professor coordenador do projeto ou grupo de pesquisa/extensão, máximo de 50h;
- 7) publicação de artigo: 10h por lauda, máximo de 70h;
- 8) apresentação de trabalho em congresso com publicação de resumo em ANAIS: 20h, pontuação máxima de 70h;
- 9) apresentação de Performance, Happening, Intervenção ou Cena Curta: 20h, pontuação máxima 60h;
- 10) monitoria de disciplina da UFG: 32h, máximo de 50h;
- 11) participação em montagem de espetáculo com duração mínima de 50 minutos: 50h, pontuação máxima 70h;
- 12) pesquisa de Iniciação Científica: 70h.

OBS: Para que as horas de uma determinada atividade sejam contadas como válidas para Atividades Complementares (AC) do curso, essa NÃO poderá estar incluída na carga horária de qualquer disciplina da matriz curricular, de modo a evitar duplicação equívoca de carga horária. Projetos de Pesquisa e Extensão contam como Atividades Complementares.

15 A INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Educar. Na etimologia da palavra vê-se inscrito ministrar a educação a; instruir; cultivar; desenvolver faculdade de. A educação, nesse sentido, é a ação de educar. Pode-se dizer, em resumo, que educação são processos de criação, idéias, crenças, qualificações; especialidades que formam o saber. O saber é também formatividade, que constitui e legitima o homem, que constitui as legítimas forças como o poder e com o poder. Poder e saber que concomitantemente constroem sociedades.

A educação superior, não diferente, em seu desenvolvimento dinâmico é interpelada pelas relações sociais e se apresenta também como parte agente na formação da sociedade. Formação ligada a atividades econômicas, educacionais, culturais que dinamizam também suas políticas.

Procurando não desmembrar a educação de ensino superior das questões que são pertinentes à sociedade brasileira é que trazemos para o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, a discussão da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão no projeto de Universidade. Compreender a articulação entre os conceitos os quais formam este tripé é compreender a necessidade dos cursos à distância para a democratização do ensino superior, mas, sobretudo, garantir a discussão sobre a importância do ensino, da pesquisa e da extensão em um Projeto de Universidade. Ou seja, é afirmar que há uma preocupação com a qualidade desse saber. Saber este que também é uma força, saber o qual engendra poder. É relevante apontar a linha tênue traçada entre a expansão do ensino superior e o acesso a este nível de ensino, porque se fazem necessárias as percepções do quadro histórico do Brasil e a heterogeneidade cultural em nosso país.

A perspectiva de acesso à Universidade não é sinônimo de “qualificação” profissional. Por isso a qualidade dos cursos a distância da EaD/PARFOR está vinculada à formação de espaços para o ensino, a pesquisa e a extensão.

Primeiramente, então, apontemos questões/problemas fundamentais na EaD: Como não pensar em números, mas pensar em pessoas que devem ser qualificadas para serem futuros professores? Como não transformar os cursos à Distância em facilitação da formação profissional? Como não precarizar o trabalho docente (tanto do docente formador quanto do futuro docente)? Como não dar ênfase somente às atividades de ensino, rompendo o tripé do projeto de uma Universidade de qualidade?

Em síntese, os princípios que garantem a qualidade dos cursos da EaD passam, justamente, pelo acompanhamento do aprendizado no ensino a distância; pelo estímulo e incentivo à pesquisa, bem como a criação de possibilidades de desenvolvimento das pesquisas juntamente com um Professor Orientador e com grupos de pesquisas nos polos; e, não menos importante, a comunicação, ou a extensão, entre comunidade universitária e outras comunidades.

A pesquisa não trata de só conhecer algo novo para o enriquecimento do conhecimento humano. A pesquisa também colabora para a compreensão de um assunto já estudado e, em longo prazo, as técnicas de pesquisa possibilitarão que o pesquisador se torne autônomo, entendendo como coletar dados, como organizá-los, estudá-los, analisá-los e apresentá-los de maneira confiável. O trabalho de pesquisa, no caso da Universidade também se faz por meio do pensamento pela escrita, ou seja, pensar em escrever, o que exige outras habilidades. Pesquisar, então, mais que reunir informações sobre algo, encontrar resposta para alguma pergunta e assim chegar à solução de um problema é manter o espírito do conhecimento ativo. É potencializar o desejo de investigação do ser humano em atividade, transformando esse desejo de investigação em material criativo de produção de conhecimento.

A extensão, pelo próprio nome, geralmente nos faz pensar em algo que estende, ou algo que tem um movimento de dentro para fora da Universidade. Contudo, mais que uma singela abertura para alguém entrar ou sair, ou uma ponte, trata-se de uma interrelação entre indivíduos que querem aprender. A Universidade não é, ou não deveria ser uma ilha, onde alguém de “fora” pode vir visitá-la. A Universidade em seu desenvolvimento é justamente uma Universidade de pessoas e proposições as quais se compõem por meio das vivências entre relações humanas, que não necessariamente são acadêmicas. Neste sentido, notavelmente o corpo discente e o corpo docente não devem somente pensar em *abrir* espaço para a comunidade local, por exemplo, com uma proposta muitas vezes assistencialista de *passar conhecimento para*. Mas compreender que o conhecimento de uma pessoa e de um coletivo se dá nessa via de troca concomitante. O conhecimento é, pois, o processo da própria cultura, a observação de seus aspectos e o entendimento das suas manifestações e relações.

É preciso dizer, no entanto, a expansão de acesso, promovida pela EaD, não é sinônimo de extensão. A extensão Universitária nos aponta a diversidade cultural. É no diálogo horizontal com outras formas de saber que traçam linhas de fuga, ou seja, descentralização dos pontos de conhecimento. É a descentralização que não permite uma hegemonia do conhecimento e, portanto, do saber e do poder. O contato com outras ‘culturas’, a investigação com outras experiências e por meio delas, permite que a pesquisa se fortaleça e a extensão se faça pelo sentido da comunicação.

Comunicação que passa pela formalização de determinadas vivências e experiências, mas também pela liberdade de experimentar e de aprender num *continuum*. A extensão é fundamental para se pensar a educação, pois restaura a formatividade de pensamento universitário, na medida em que não se estagna sob um único ponto de vista acadêmico, trazendo o fluxo e dinâmica de outras comunidades.

O processo de ensino-aprendizagem, desta maneira, pensando neste tripé, não se encerra em aulas presenciais ou à distância. Sob este ponto de vista, o graduando se formará operado também pela criatividade de seu espírito investigativo, aprendendo não só a reproduzir o conteúdo em sala de aula, mas aprendendo também a criar autonomia de produção de conhecimento, compartilhando sua produção e compartilhando outras produções.

Um dos grandes desafios da EaD é conseguir fortalecer o ensino brasileiro estimulando a pesquisa e construindo possibilidades de comunicação com os estudantes e com as comunidades nas quais se localizam os polos, proporcionando-lhes a mesma qualidade e a mesma oportunidade dos cursos presenciais. Se a pesquisa muitas vezes é colocada de lado nos próprios cursos presenciais, e mais ainda a extensão, na EaD o risco que se corre de não haver comunicação - com a comunidade que deve dialogar com a Universidade através da extensão - é ainda maior.

Mudanças no mundo do conhecimento não vêm dissociadas de mudanças em nível de trabalho, e vice-versa. O trabalho docente está relacionado à carreira e à autonomia universitária. Isso significa que a autonomia do docente não está somente ligada a atividades remuneradas e/ou quantificação de dados de produção acadêmica, e sim na significância do papel do docente para nas produções críticas de conhecimento, desempenhando, pois um papel político fundamental no *constructo* da sociedade. Muitas vezes, a sobrecarga e a precarização do trabalho docente no ensino a distância promove mudanças no cotidiano da Universidade que desestimulam a realização das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão e tornam impossíveis, portanto, essa autonomia do docente. Para que haja então um plano de carreira que valorize essa autonomia, o saber deve-se fazer não somente na sala de aula, mas no incentivo à pesquisa e à extensão e na viabilização das atividades pela instituição.

Sob esta ótica estão os docentes responsáveis pelo Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, e também os estudantes que estão sendo formados na expectativa de serem futuros docentes. Docentes e discentes que estejam envolvidos na Universidade e que estejam envolvidos na EaD devem se envolver também neste projeto de Universidade. Pode-se argumentar que o ensino através de novas tecnologias é inevitável, contudo, é inevitável a busca por encontrar formas de permitir que o conhecimento, em especial no Ensino Superior, não se restrinja à sala de aula.

Então finalmente, pode-se dizer que neste Projeto Pedagógico prima-se pelo critério de qualidade do ensino-aprendizagem; pela valorização da pesquisa e da extensão como partes integradoras e indissociáveis do projeto de Universidade; pela compreensão dos princípios de autonomia da Universidade, os quais perpassam o estímulo à investigação e à liberdade de pensar, de pesquisar e de difundir o conhecimento produzido.

16 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA UNIDADE ACADÊMICA

Os professores de técnicos administrativos envolvidos com o Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, modalidade a distância – PARFOR, participarão de cursos de planejamento, ministrados pela equipe pedagógica do Centro Integrado de Aprendizado em Rede – Ciar, duas vezes a cada semestre como política de qualificação e integração das disciplinas.

Será ofertado, ainda, um curso de formação e manuseio da plataforma Moodle – que é o ambiente virtual de aprendizagem adotado. O curso será ministrado pela equipe técnica do Ciar. O mesmo órgão também oferecerá cursos de formação para elaboração de material pedagógico das disciplinas.

17 REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. M. O ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC/USP, 1990.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e bases da Educação nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC/SEC, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONOWSKI, J. Arte e conhecimento: *Ver, imaginar, criar*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. As origens do conhecimento e da imaginação. Brasília: UNB, 1985.
- BRUNER, J.S. O processo da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- CORAZZA, S. O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação. Petrópolis: Editora Vovez, 2001.
- _____. Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- DEWEY, J. El arte como experiencia. México: Fondo de Cultura Económica, 1949.
- _____. Vida e Educação. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- DOURADO, Luiz Fernandes e CATANI, Afrânio Mendes (orgs). Universidade pública: políticas e identidade institucional. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Goiânia, Go: Editora da UFG, 1999.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006.
- _____. Pedagogia da esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GIROUX, Henry A. Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Arts Médicas Sul, 1999.
- GOUVÊA, Guaracira; OLIVEIRA, Carmem Irene. Educação a distância na formação na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Ed. Vieira & Lent, 2006.
- JAPIASSU, Ricardo..Metodologia do ensino do teatro. Campinas: Papyrus, 2001.
- LANGER, S. Sentimento e forma. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LIMA, Janice. Desvelando necessidades, vestindo a máscara, abrindo a cortina do teatro na universidade. Belém: Mestrado, UFPA, 1999.
- LOPES, Joana. Pega teatro. São Paulo: Centro de Teatro e Educação Popular, 1981.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marrli E. D. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MEIRA, Marly. Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

- NEVADO, Rosane; CARVALHO, Marie Jane; MENEZES Crediné(Orgs). Aprendizagem em rede na educação a distância: estudos e recursos para a formação de professores. Pouso Alegre: Ricardo Lenz, 2007.
- NISKIER, Arnaldo. LDB: A Nova Lei da Educação. Tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio de Janeiro: consultor, 1996.
- NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea. São Paulo: Ática, 1991.
- PAPPA, Marisa Sasso. Balanço cultural: uma experiência de ação cultural através do teatro. São Paulo: Mestrado, ECA/USP, 1995.
- PENNA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? Uma análise dos parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- _____. Psicologia de la inteligência. Buenos Aires: Psique. 1984.
- READ. H. Educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- SANTANA, Arão. Teatro e formação de professores. São Luís: EDUFMA, 2000.
- SILVA, T. T. O Currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TEDESCO, Juan. O novo pacto educativo. São Paulo: Ática, 1998.
- VYGOTSKY. L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. Pensamento e linguagem. Lisboa: Antídoto, 1979.

DOCUMENTOS E LEGISLAÇÃO

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- CNE.Parecer CES/CNE 0146/2002 aprovado em 03/04/2002. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Teatro.
- CNE. Parecer CES/CP 28/2001 aprovado em 02/10/2001 Estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores de Educação Básica. Em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
- CNE. Resolução CNE/CP 1 de 18 de Fevereiro de 2002.
- CNE. Resolução CNE/CP 2 de 19 de Fevereiro de 2002.
- SECRETARIA de Educação Fundamental. Educação infantil no Brasil: Situação atual/MEC. DEPARTAMENTO de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/EDI, 1994. 44p.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO/ UFG. Reformulação dos Cursos de Licenciatura da UF: Construindo um Projeto Coletivo. 2003.
- MEC/SES/Comissão de Especialistas de Ensino das Artes e do Design. Roteiro para Avaliação dos Cursos de Graduação em Artes e Desenho Industrial (autorização, Credenciamento e Reconhecimento).
- MEC/UNESCO. Educação: Um tesouro a descobrir. São Paulo Cortez; Brasília Df. 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Novas Orientações Curriculares: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.
- PROGRAD/UFG. Orientação para elaboração de projeto político-pedagógico dos cursos de graduação na modalidade à distância. 28 de Fevereiro de 2008. PROGRAD-UFG.
- PROGRAD/UFG. Orientações Gerais para a Elaboração de Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação, Adequadas ao Novo RGCG/UFG. 01 de 04 2003 CIRCULAR Nº 16 PROGRAD/UFG.
- RIBEIRO, José Mauro et alli. Arte. In: BRASIL. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2004.